UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO **RENAN DA SILVA GOMES**

A ILHA, o MAR e a "CIDADE DEBAIXO D'ÁGUA": paisagens e mudanças ambientais em Atafona - RJ

Rio de Janeiro

A ILHA, o MAR e a	"CIDADE DEBAIX	O D'ÁGUA": pais	agens e mudanças
	ambientais em Atafo	ona - RJ	

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa Dra Ana Maria Lima Daou

Rio de Janeiro

Ficha Catalográfica

G 633i

GOMES, Renan da Silva.

A Ilha, o Mar, e a "Cidade Debaixo d'Água": paisagens e mudanças ambientais em Atafona – RJ/Renan da Silva Gomes – 2012. 113 p.,1vol.,il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, 2012

Orientadora: Ana Maria Lima Daou

Geografia Humana 2. Geografia Cultural 3. Paisagem
Geografia – Dissertação I Daou, Ana Maria Lima (Orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia III Título

CDD: 304.2

Renan da Silva Gomes

A ILHA, o MAR e a "CIDADE DEBAIXO D'ÁGUA": paisagens e mudanças ambientais em Atafona - RJ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em:	
	Ana Maria Lima Daou, doutora, IGEO/UFRJ
_	
	South William Hoofle, double ICEO/HEDI
	Scott William Hoefle, doutor, IGEO/UFRJ
-	Rosane Manhães Prado, doutora, UERJ

AGRADECIMENTOS

Se aqueles momentos nos quais mais evoluímos são frutos da tensão, e se a vida realmente nos testa quando os desafios veem de onde menos se espera, a trajetória que ora se encerra foi muito proveitosa.

A despeito de qualquer orgulho pessoal, sinto-me satisfeito com o direito concedido a mim pelas regras de redação acadêmica: o direito de agradecer. E gratidão não poderia ser o sentimento mais justo diante do apoio e cumplicidade oferecidos pela prof^a Ana Daou, cuja presença ao longo desses anos fez dela uma orientadora no sentido integral. As disciplinas, o estágio-docência, nossas conversas programadas e não programadas serão as grandes lembranças desse período, pois mais do que orientação, fizeram desse estrangeiro um membro de uma nova casa.

Agradeço igualmente a um apoio que me acompanha desde a graduação, de mestres nem sempre tão próximos como gostaria, mas que apesar da distância nunca deixaram de estar presentes pelas nobres memórias, modelos e pelo enriquecimento legados. Sinto inestimável dívida aos grandes e queridos mestres Cassiano Caon Amorim, professor em sua máxima manifestação de amor pelo ofício, Sérgio Pereira Nunes, cujo vasto domínio e generosidade ao ensinar seus "saberes geográficos", espero, reverberem neste trabalho e Gilberto Pessanha Ribeiro, o primeiro a me abrir as inúmeras possibilidades do mundo da pesquisa e o primeiro a acreditar na validade e relevância desse projeto.

Deixo registradas minhas dívidas também aos mestres que a pós-graduação se encarregou de me apresentar. Pude me aprofundar na teoria cultural graças ao prof^o Scott William Hoefle e nas contribuições da geografia cultural pela dedicação e seriedade do prof^o Roberto Lobato Corrêa. Ao prof^o Luiz Fernando Duarte devo uma

compreensão mais profunda sobre a construção da ideia de "natureza" e sobre as raízes românticas do pensamento das ciências sociais. Preciso recordar também o feliz reencontro com o prof^o Jader Janer Moreira, que revigorou meu envolvimento com a educação de uma forma que sequer me sinto preparado para entender.

Nos papéis ingratos de apoiadores incondicionais e incansáveis, meus pais Amaro e Cristina, minha irmã Júlia e minhas tias Denise e Adriana. Cada palavra do texto e cada gesto das minhas atividades carregam o eco da generosidade, paciência e carinho de todos vocês. Aos amigos: Almir, Érica, Diego e Linda, os melhores companheiros de trabalho, de faculdade e de vida que poderia ter. Ao Edson e ao Samir, pela densidade do olhar sobre o mundo, pela confiança ao ensiná-lo a mim, pelas ricas indicações literárias e, não menos importante, pela profusão de piadas internas: muito obrigado.

Finalmente, meus agradecimentos ao apoio financeiro concedido pela Capes e ao PPGG/UFRJ, pelos recursos que tornaram esse trabalho possível.

RESUMO

GOMES, Renan da Silva. A Ilha, o Mar, e a "Cidade Debaixo d'Água": paisagens e mudanças ambientais em Atafona – RJ. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em

Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

Este estudo visa refletir sobre as mudanças ambientais observadas no distrito de

Atafona, no município de São João da Barra, norte do estado do Rio, a partir dos

esquemas interpretativos nos quais se baseiam a percepção da população local. O

avanço do processo erosivo, as intervenções do Rio Paraíba do Sul e o início da

implementação do complexo portuário e industrial do Açu ganham relevo a partir das

vivências e memórias daqueles que interagem cotidianamente com tais processos.

Recorrendo a uma abordagem qualitativa, buscou-se compreender os modos como a

relação com o ambiente é organizada e sobre como a interpretação das mudanças em

curso é ancorada nos valores e práticas sociais característicos dos agentes envolvidos. A

evocação da experiência e da subjetividade como forma de conduzir o estudo tornou

profícua a discussão dos conceitos de paisagem e de mediância, utilizados como

ferramentas teóricas nas quais se basearam o planejamento e execução do trabalho de

campo. Ao longo da pesquisa foram discutidas as potencialidades que cada conceito

oferece, bem como sua influência no contexto da pesquisa. A partir daí e através dos

dados levantados, foi possível compreender como os impactos ambientais e percepção

sobre eles são transpassados por valores oriundos de visões de mundo distintas e por

vezes conflitantes. Diante de visões que ora convergem ora divergem, se organizam os

múltiplos modos de compreensão sobre a morfologia do ambiente, portadores das

preferências e valores característicos de cada grupo social.

Palavras – chave: Paisagem, Mediância, Ambiente, Pesca.

ABSTRACT

GOMES, Renan da Silva. A Ilha, o Mar, e a "Cidade Debaixo d'Água": paisagens e

mudanças ambientais em Atafona – RJ. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em

Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

This study aims to reflect on environmental changes observed in the district

of Atafona, São João da Barra, north of Rio de Janeiro state, from the interpretive

schemes on which are based the perception of the local population. The advance

of erosion, the interventions of the Paraiba do Sul River and the beginning of the

implementation of the port in Acu district (which will be followed by a industrial

complex) gain relief from the experiences and memories of those who interact daily

with these processes. Using a qualitative approach, we sought to understand the ways in

which the relationship with the environment is organized and how the interpretation of

the changes underway is anchored in values and social practices characteristic of the

agents involved. The evocation of the experience and subjectivity as a way to conduct

the study became fruitful discussion of the concepts of landscape and "médiance", used

as theoretical tools to planning and execution of field work. In addition, the paper

discusses the potential that each concept offers as well as the influence of

these notions in the context of research. Through the discussions undertaken and

data collected, it was possible to understand how the impacts on the environment and

perception are passed by values coming from different world views and

sometimes conflicting. Only through these conflicts that one can understand the

true impacts caused by environmental changes in Atafona.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 01 Fotografia aérea panorâmica do pontal de Atafona p. 20
- Imagem 02 Fotografia aérea do Pontal de Atafona época: 08/05/2003. p.20
- Imagem 03 Área erodida entre 1954/2004. p.29
- Imagem 04 Ruínas próximas à praia. p. 30
- Imagem 05 Imagem de satélite Pontal/Vila Esperança p.45
- Imagem 06 Fotografia apresentada por Rosa durante a entrevista p. 48
- Imagem 07 Exemplo do estilo de residências de veranistas no Pontal p. 55
- Imagem 08 Embarcações abandonadas no rio Paraíba do Sul p. 61
- Imagem 09 Palmeiras no centro de São João da Barra p. 74
- Imagem 10 Diversidade nos estilos de pesca. p. 75
- Imagem 11 Detalhe da imagem 10 p. 76
- Imagem 12- Interior de um dos restaurantes de Atafona p. 83
- Imagem 13 Fotografia presente no mural da colônia de pescadores p. 84
- Imagem 14 Ruínas vistas da praia p.86
- Imagem 15 "Cartões Postais: Ruínas" p.96
- Imagem 16 Parte posterior de um restaurante do Pontal p.98
- Imagem 17 Fotografia do "píer do pescador" p. 101
- Imagem 18 Rio Paraíba do Sul p.101

Imagem 19 - Painel no centro de São João da Barra – p.110

Imagem 20 - Porto do Açu em construção — p. 111

SUMÁRIO

I.	Introdução		13	
II.	O Contexto da Pesquisa			
III.	Questões sob	re a Paisagem	26	
IV.	A organização do trabalho de campo		38	
	a. Novos rumos no planejamento de campo			
V.	A contraposição de diferentes mediâncias em Atafona		52	
	a. Entre o B	alneário e a Pesca		52
	b. Os pescac	lores da "Baixada"	58	
	i. A	Mediância dos Pescadores		70
	ii. O	Elemento Líquido: entre o rio e o mar		72
	iii. Er	ntre paisagem e pesca	81	
	iv. A	Ilha e a "Cidade Debaixo d'Água"	84	
	5.3 Cultura Paisagística e Meio Ambiente			94
	5.4 O Porto e	o Mar sem Pescadores		123
VI.	Considerações Finais		112	
VII.	Referências Bibliográficas		114	

1 Introdução

O objetivo central desse trabalho é refletir sobre os diferentes modos como se organizam a percepção e a interpretação das mudanças ambientais observadas em Atafona nas últimas décadas. Através da mobilização dos conceitos de paisagem e de mediância, busca-se uma aproximação quanto aos modos como os agentes sociais conferem significado à sua relação com o ambiente.

Receberam atenção especial dois fenômenos marcantes. Primeiro, o processo erosivo que alterou intensamente o tecido urbano de Atafona a partir da década de 1950, provocando perdas imobiliárias, destruição de equipamentos públicos e a redistribuição de uma parcela de seus habitantes. O segundo fenômeno refere-se ao início da implementação do complexo portuário do Açu, cujos efeitos sobre o cotidiano e sobre as atividades econômicas locais têm sido enfatizados pela população.

As visitas em campo, realizadas a partir do ano de 2006, durante a graduação, culminaram em uma última, em janeiro de 2011. Elas forneceram elementos para tensionar as categorias utilizadas. Além disso, ao longo desse período houve uma escalada na importância relegada ao porto, testemunho do seu potencial em produzir significativas transformações sociais e ambientais no município de São João da Barra como um todo.

Esse contexto geográfico sobre o qual a pesquisa se dedicou foi apresentado no capítulo 02 e os conceitos que orientaram as reflexões e deram base para a construção da abordagem foram discutidos no capítulo 3. No capítulo seguinte detalham-se as condições e os procedimentos adotados durante as pesquisas de campo.

Os dados apresentados ao longo do capítulo 05 são tributários da operacionalização dessa abordagem conceitual em campo. O objetivo desse capítulo foi produzir um quadro que permitisse a contraposição entre o discurso dos agentes sociais presentes em Atafona. No

início da investigação, já em 2006, comecei a trabalhar com a possibilidade de privilegiar o contato com os pescadores, pois de variadas formas eles sugeriam um distanciamento daquilo que poderia ser referido como uma "vívida consciência de paisagem".

Justamente por conta desse distanciamento quanto a um código de leitura familiar, presente inclusive nos dicionários, esse contato com os pescadores foi explorado no sentido de produzir um contraponto. Isso fez surgir um questionamento fundamental para a pesquisa: se a relação dos pescadores com o seu ambiente não era caracterizada por essa "consciência paisagística" (conforme será aqui defendido), o que, então, ocuparia o seu lugar?

Percorrendo as pistas que as falas e categorias nativas ofereciam, propomos que a relação com o ambiente era organizada a partir do eixo constituído pela atividade pesqueira. Além disso, a importância desse privilégio dos pescadores durante as pesquisa baseia-se no fato deles trem um contato mais sistemático com o Atafona, cuja população flutuante é considerável. Como forma de não ignorar, porém, a composição social heterogênea de Atafona e de qualificar os relatos através da comparação, outros extratos da população foram também entrevistados, fossem os moradores ligados à economia urbana fossem os turistas.

A intenção, que espero seja reconhecida como difusa em todo o trabalho, é de promover uma incursão no caminho de um "descentramento" (CLAVAL, 2002) do discurso da geografia, cujo tradicional privilégio às marcas que as sociedades gravam em seu ambiente deixa pelo caminho a possibilidade de compreender a própria constituição do social através do encontro e ação *no* e *com* o ambiente.

Esforço-me, finalmente, para me alinhar às observações sensíveis e certeiras de Berque (2000; 2004), quando lembra que podemos transformar o que nos circunda, mas que, ao fazê-lo, passamos a carregar o peso das aspirações e sonhos que acompanham essa ação. Não existiria, portanto, nenhuma relação de exterioridade entre as sociedades e seus

ambientes. A toda "projeção técnica", a espalhar suas marcas no espaço, corresponde uma "introjeção simbólica": produzimos novas paisagens, e, ao fazê-lo, repatriamo-las em nosso íntimo.

O presente empreendimento de pesquisa justifica-se também pela necessidade de aprofundar a incorporação da dimensão simbólica na leitura feita pelos geógrafos acerca das mudanças ambientais. Alguns estudos realizados em Atafona, conforme já mencionado, concentram-se no levantamento das perdas patrimoniais provocados pela retrogradação e no mapeamento da frente erosiva, embora o entendimento dos impactos provocados não dependa somente desse tipo de registro, uma vez que as tensões não são sentidas de forma homogênea nem tampouco percebidas a partir dos mesmos pressupostos dos quais a ciência é portadora.

Para que se tenha ideia do real alcance dos impactos provocados, procurei considerar a diversidade de modos de vida e de formas de representar as mudanças em curso, pois são a partir delas que se criam estratégias de ordenamento, mitigação e que se podem recriar novas práticas sociais. As divergências nos sentidos atribuídos às mudanças em curso expressam e ao mesmo tempo engendram modos conflitantes de ordenamento espacial.

Situação semelhante ocorre no contexto da implementação da política de conservação ou da introdução de novas atividades econômicas em regiões do Brasil. Muitas vezes guiados por acepções bastante restritivas do que seja a "natureza", os órgãos ligados ao meio ambiente impõem formas de manejo ou até mesmo restrições ao uso dos recursos naturais que entram em choque com os modos de vida tradicionais dos grupos que ocupam historicamente as áreas (que vieram a se constituir como) de preservação¹.

¹ Ver DIEGUES (2004), PRADO (2006) e CATÃO e PRADO(2010). Sobre divergências quanto à introdução do turismo, ver PRADO (2003).

Acreditao que partir do ponto de vista dos atores que interagem diretamente com o ambiente em questão possa ajudar a compreender melhor os efeitos das mudanças em curso. Direciono-me assim para o resgate, ou, conforme denomina Schama, para a "escavação" dos elementos constitutivos da tradição paisagística, foco central de "Paisagem e Memória". Segundo o autor, a obra procura ser

"um modo de olhar, de redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação. [o] objetivo é apresentar não mais uma explicação do que perdemos e, sim, uma exploração do que ainda podemos encontrar.". (SCHAMA, 1996, p.24).

Viso um esforço semelhante, no sentido de que muitos dos agentes sociais envolvidos não conseguem mobilizar os meios para projetar suas visões de mundo de maneira mais ampla. Acredito que a "escavação" dos modos de experienciar o ambiente característicos de diferentes grupos sociais enriquecem a abordagem da geografia e a visão que se elabora da relação com o ambiente. Baseando-se nos discursos "nativos" cria-se um contraponto importante ao tecnicismo usual dos relatórios de impacto. É possível assim uma aproximação de outras formas de experienciar o ambiente e assim contribuir para enriquecer a abordagem da geografia e da temática mais geral do meio ambiente.

2 O Contexto da Pesquisa

Localizada em posição estratégica para o turismo, distante poucos quilômetros da maior cidade do norte do estado do Rio e mais próximo do sul de Minas Gerais do que outros balneários similares, Atafona vivenciou já a partir da década de 1940 um incremento urbano ligado ao turismo e à construção de residências secundárias, quando as propriedades "medicinais" do lugar passam a ser procuradas "de forma mais intensa pelas famílias com recomendação médica, para tratamento de diversos males" (NORONHA, sem data).

Atafona reúne características que auxiliaram a consolidar seu papel de balneário, seja como destino de turistas vindos de diferentes regiões do estado do Rio e de Minas Gerais, seja como área destinada à construção de residências secundárias para veraneio, associadas sobretudo à influência da cidade de Campos. A aprazibilidade do clima, com temperaturas amenas e um vento constante, as ramificações da foz do rio Paraíba do Sul, as ilhas cobertas por manguezais constituem um ambiente bastante apreciado. Esse turismo "medicinal", ligado ao clima e à ocorrência de areia monazítica², convive hoje com outras práticas de vilegiatura, ligadas ao turismo de praias e também a mudanças drásticas no ambiente observadas nas últimas décadas.

Optei por utilizar aqui o termo "ambiente" em uma concepção bastante genérica, referente àquilo que envolve ou está à volta de alguém ou alguma coisa. A ideia é contrapôlo com outras acepções e indicar o componente cultural por detrás da paisagem, que pode ser

² Segundo folheto de informações turísticas distribuído pela Prefeitura de São João da Barra em 2011, em Atafona "desemboca o Rio Paraíba do Sul, trazendo sedimentos de teor terapêutico", e por lá também se encontram "o segundo maior delta do país e também o terceiro clima medicinal do mundo." O guia não só oferece informações sobre os pontos de visitação, mas acaba sendo denotativo da valorização turística da qual as características ambientais de Atafona são alvo. A areia monazítica é um tipo de areia que apresenta alta concentração de minerais pesados, que possuiria efeitos benéficos à saúde pelo estímulo à circulação sanguínea, embora não haja comprovação científica. (DRM – RJ; 2011).

considerada uma forma concreta mas também uma forma de ver. Essa postura remete-se à Berque:

le paysage n'est pas universel. Il diffère en cela de l'environnement, qui, lui, existe pour tout individu et pour toute société, fût-elle animale et même végétale. (...) Ce que j'appelerai ici 'raison paysagère', c'est cela qui rend compte de la présence du paysage à certaines époques et dans certains milieux, alors qu'ailleurs, ou en d'autres temps, les sociétés semblent ignorer cette notion, pour nous si familière que nous la croyons universelle. (BERQUE, 1995, p. 07)

Aqui cabe uma observação. O caráter genérico dessa concepção de ambiente é proposital, pois visa indicar um direcionamento da pesquisa, que não foi voltada para a compreensão da percepção no sentido mais geral, porém sim ao que diz respeito ao que envolve, circunda determinados grupos sociais e um determinado momento. O que entra em jogo, portanto, não é uma abrangente investigação da "visão de mundo", e sim a percepção ambiental, um tema que, acredito, é de interesse mais imediato para a geografia³.

Conforme largamente noticiado na imprensa local e nacional⁴, no distrito de Atafona ocorreram e ainda ocorrem sucessivas variações na morfologia costeira, o que tem provocado inúmeras perdas imobiliárias e a destruição de equipamentos públicos nas últimas décadas. Segundo Ribeiro et al (2009), a partir dos anos de 1950 observava-se ao sul da foz do rio Paraíba do Sul um processo acentuado de recuo da linha costeira, continente adentro, ligado à erosão de sedimentos aportados. A destruição associada ao processo tem chamado atenção ao

-

³ Tal como Berque (1995) se esforça em indicar, nossa experiência é mais complexa do que sugere as dicotomias, havendo uma imbricação constante que faz dela uma *trajeção* (deslocada em uma zona em cujos extremos estão a objetividade e a subjetividade). O termo "ambiente" não sugere um substrato puramente objetivo, que ganharia vida nas asas da subjetividade. Seu uso justifica-se somente por conta de uma dificuldade prática, de escrita, de forma a reiterar que os esforços de pesquisa foram voltados para esse viés da percepção ambiental.

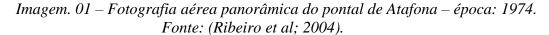
⁴ Há um trabalho de reunião de artigos de jornais de circulação local e do Rio de Janeiro no Projeto Atafona (projeto de pesquisa e extensão realizado em conjunto com a UERJ e a UFF, sob coordenação do prof^o Gilberto Pessanha Ribeiro) que falam sobre o cotidiano de Atafona. Além de menções nos jornais locais, como o Monitor Campista e Folha da Manhã, há também menções no jornal O Globo e em reportagens de emissoras de televisão.

ponto de, pelo caráter incomum do cenário que produz, ter se convertido em um atrativo turístico em si.

Ainda segundo Ribeiro et al (2004), o chamado processo de retrogradação levou à destruição de 183 construções, distribuídas em 14 quadras, dentre as quais se contam casas de veraneio, uma colônia de pescadores, dois faróis de sinalização, uma capela, um posto de gasolina e uma igreja, a de Nossa Senhora dos Navegantes. Em relação à ocorrência do processo erosivo são enumeradas diferentes causas, em que pesam as divergências sobre o papel de atividades humanas: intensidade e direção predominante do vento e de ondas; contenção de sedimentos nos barramentos ao longo do rio Paraíba do Sul; regularização da vazão do rio e sua descarga no Oceano Atlântico; crescente assoreamento do rio em seu baixo curso. (Ribeiro et al; 2004).

Na imagem 1 usou-se como pano de fundo uma fotografia aérea panorâmica datada de 1974, na qual foram indicadas aproximadamente a frente erosiva ativa (linha contínua) e a linha d'água (linha tracejada) para o ano de 2003. Através dela e da contraposição com a imagem 02 pode-se ter uma noção das modificações ocorridas no traçado da linha da costa bem como da perda de área urbana associada à retrogradação.

O cenário de destruição associado a tal processo tem sido interpretado de diferentes formas nos últimos anos, embora algumas representações sejam mais hegemônicas do que outras, influenciando a maneira como as mudanças são percebidas e a própria forma como se organiza aquela paisagem. A heterogeneidade social da população de Atafona e presença de uma população flutuante associada ao turismo multiplicam os discursos sobre o ambiente estudado.



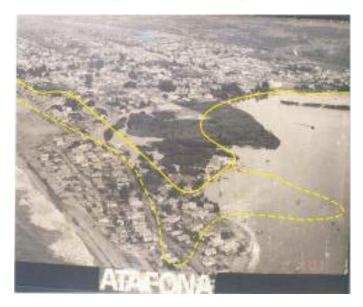


Imagem. 02 - Fotografia aérea panorâmica do Pontal de Atafona – época: 08/05/2003. Fonte: (RIBEIRO et al; 2004). Fotografia de G.P. Ribeiro.



Apesar de reconhecer a importância dos levantamentos das perdas ocorridas e do vasto e detalhado trabalho de mapeamento e monitoramento do processo erosivo, viso abordar as mudanças em curso sob uma outra perspectiva. Partindo, inicialmente, da premissa de que os sucessivos avanços e recuos do mar e a movimentação das dunas influenciou de alguma forma a vida dos moradores do Pontal de Atafona e dos antigos moradores da Ilha da

Convivência, pretendo investigar como essas e outras mudanças vivenciadas adquirem sentido nos esquemas de percepção do ambiente dos moradores e dos visitantes.

O processo erosivo em Atafona traveste-se de certa singularidade tendo em vista sua magnitude, intensidade e a ocorrência sistemática ao longo de um período relativamente extenso de tempo, embora os avanços e recuos da linha d'água não sejam regulares.

Um caso emblemático foi o da Ilha da Convivência, situada ao norte do pontal, composta no passado por uma população de pescadores artesanais com profundos laços com o continente, relacionados ao comércio, prestação de serviços e laços de parentesco que uniam seus habitantes com os de Atafona. Devido aos sucessivos avanços da linha d'água, sua população decresceu gradativamente, até atingir a situação atual, quando se encontra quase desabitada.

Devido à notoriedade do processo e à valorização de temas ligados às mudanças climáticas e ao meio ambiente, Atafona ganhou visibilidade ao ter as referidas mudanças ambientais descritas em pesquisas, livros e reportagens feitas pela imprensa local e por veículos de comunicação de projeção nacional.

À medida que se multiplicam os discursos sobre a erosão, sobre o cenário resultante e sobre seus impactos sobre a vida dos moradores, Atafona torna-se um locus privilegiado para refletir sobre a diversidade presente na forma como os grupos sociais constroem sua relação com o ambiente. Para além dos aspectos valorizados nas reportagens, nas quais a leitura sobre as mudanças ambientais em Atafona são demasiadamente marcadas pelas perdas patrimoniais, viso compreender as formas como essas experiências são vivenciadas e representadas, ou seja, como os eventos adquirem sentido junto aos diferentes grupos presentes em Atafona.

O objetivo é, portanto, investigar as formas e os recursos empregados e evocados para conferir sentido às mudanças ambientais que vêm se processando em Atafona nos últimos

anos. Ao longo do trabalho de campo, pude entrar em contato com práticas sociais e discursos heterogêneos, divergentes são somente pelos temas considerados importantes, mas pelos tipos de olhar, de sensibilidade e pelas formas com se processa a experiência de *estar* e *ser* naquele ambiente, ligadas à composição social heterogênea do local.

Esse largo e multifacetado espectro de mitos, sentimentos e representações que marcam a espacialidade humana puderam ser, ao menos parcialmente, vislumbrados durante a realização do trabalho de campo através das vivências e práticas dos atores sociais que interagem em Atafona. Nesse sentido, encaminho-me para a desconstrução de uma visão estritamente racionalista do mundo, e sobre como essas outras dimensões da vida humana se misturam na apreensão que se produz do ambiente. Nos dizeres do historiador Simon Schama:

se toda nossa tradição da paisagem é o produto de uma cultura comum, tratase, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões. Os cultos, que somos convidados a procurar em outras culturas nativas — da floresta primitiva, do rio da vida, da montanha sagrada -, na verdade estão à nossa volta, vivos e passando bem; resta saber onde procurá-los. (SCHAMA, 1996, p.24).

As experiências que serão aqui relatadas diferem, muitas vezes, radicalmente entre si, variando de uma descompromissada "fruição" até um profundo enraizamento ao local, explícito na postura de moradores em, mesmo na iminência de invasão do mar, recusarem-se a deixar suas casas.

O conceito de paisagem serviu como base teórica para a realização do trabalho de campo, devido a sua abertura para as diferentes formas de relação com o ambiente. Concordo que no movimento de renovação da geografia cultural pós-1970 algumas propostas⁵ se esforçam por aproximar a pesquisa geográfica das diferentes representações acerca da espacialidade de cada sociedade ou grupo social. É nesse sentido que fala Claval ao se referir à "etnogeografia", que "significa ter uma visão global das representações que uma sociedade

⁵ Ver CORREA (1999) e CLAVAL (1999).

faz do mundo, da natureza e das qualidades espaciais da vida de relação". (CLAVAL, 2002, p.178). Ainda segundo Claval, tal proposta implicaria em um esforço de "descentramento", pois conduziria à compreensão de que

a diversidade das normas que presidem a organização do espaço é bem maior do que levam a supor os modelos mais ou menos funcionalistas que ainda são dominantes na geografia econômica, na geografia social ou na geografia política. (CLAVAL, 2002, p. 185)

As entrevistas realizadas em campo permitiram, no entanto, questionar em que medida a noção de paisagem, largamente empregada no senso-comum e dotada de um desenvolvimento histórico próprio, consegue ascender a tal tipo de "descentramento".

Pude perceber que ao utilizar a "paisagem" como instrumento de pesquisa, corria o risco de projetar em outros grupos sociais as visões de mundo que não lhes eram próprias. Noção de uso coloquial, a paisagem porta uma densa carga semântica, que acompanha o vocábulo desde a sua incorporação nas línguas europeias à época da Renascença⁶. Toda essa multiplicidade de significados pode influenciar a interpretação que fazemos sobre a relação que os grupos estudados mantêm com seu ambiente. A eleição do conceito de paisagem como uma ferramenta que conduz a uma compreensão "descentrada" sobre a relação que os grupos sociais mantêm com seu ambiente parece ignorar que ela pode não ser uma categoria compartilhada pelo pesquisador e pelos seus interlocutores. Assim, seu uso indiscriminado pode transferir para outros discursos uma carga semântica da qual eles não são portadores, deixando a pesquisa vagar da busca por um "descentramento" e para a operação de uma certa "redução etnocêntrica".

obsctacle à son rôle décoratif et occupe le devant de la scène". (CAUQUELIN, 1989, 2000, p. 27)

⁶ Sobre a incorporação do vocábulo na língua francesa: "De bons auteurs situent sa naissance aux environs de 1415. Le paysage (mot et notion) nous viendrait de Hollande, transiterrait par l'Italie, s'installerait définitivement dans nos esprit avec la longue élaboration des lois de la perspective, et triompherait de tout

Não se trata de negar a validade do conceito, mas sim de observar em que medida o mesmo carrega significados e valores que orientam minha forma, enquanto pesquisador, de interagir com o objeto de estudo, porém nem sempre tão fáceis de definir e explicitar. Além disso, trabalho com a ideia de que tais significados e valores muito comumente associados à "paisagem" não necessariamente encontram correspondentes entre os grupos que interagem cotidianamente com o ambiente estudado. Essa falta de correspondência, se não for adequadamente trabalhada, pode produzir distorções.

A discussão conceitual tem como objetivo aprofundar a consciência sobre a subjetividade e multiplicidade de sentidos inerentes à pesquisa participativa, e ao mesmo tempo visa oferecer uma alternativa metodológica através do esforço de elucidação dos aspectos subjacentes à noção de paisagem. Entre conceito utilizado por determinados ramos profissionais e acadêmicos e palavra da linguagem corrente, a paisagem abarca um largo espectro de formas de se referir e conferir sentido à experiência, tornando-se um vasto repositório a demarcar profundas diferenças de visão de mundo. Adquirir consciência sobre as múltiplas nuances da noção de paisagem enquanto estudamos as paisagens sobre as quais recaem o nosso olhar é uma importante contribuição metodológica a ser desenvolvida na geografia.

Esse esforço será acompanhado pela descrição das condições, procedimentos e dificuldades encontradas em campo ao longo da pesquisa. Pretendo apresentar o contexto no qual ocorreu a interação com os entrevistados bem como os pressupostos teóricos nos quais ela se baseava. Dessa forma, pude operacionalizar tais dificuldades de modo a promover uma reflexão tanto sobre os dados obtidos em campo, como também sobre as próprias ferramentas mobilizadas para promover uma aproximação frente ao objeto de estudo. Partindo da ideia de que os conceitos representam uma forma de conferir sentido à nossa experiência, o relato de

campo pretende explicitar como ao longo da pesquisa ocorreram mudanças de perspectiva em vista dos dilemas encontrados.

Tomando como base essas discussões, inicio a sistematização dos dados de campo através da caracterização de alguns dos modos de experienciar o ambiente e suas transformações, bem como as influências desses "modos de percepção" na organização do próprio ambiente. Defenderei que algumas práticas observadas em Atafona acabam contribuindo para fortalecer uma experiência do ambiente cujo sentido vincula-se à eleição da "paisagem" como uma forma simbólica⁷ o que possui implicações na forma com se ordena o espaço em questão. Porém, defenderei igualmente que nem todos os modos de conferir sentido ao ambiente passam por uma consciência de paisagem, sobretudo quanto ao caso dos pescadores.

⁷ "Se rapporter à la nature comme paysage, ce n'est donc pas un geste innocent, naïf, mais cela procede d'une opération de médiatisation complexe qui est celle de l'instauration de la représentation perspective, et donc il faudrait ici dégager des présupposés: comme le rapelle Anne Cauquelin dans L'invention du paysage (1989), le paysage est une 'forme symbolique'. [...]Une forme symbolique, c'est une forme de réception, d'organisation et d'objectivation du divers donné dans l'experience. Elle signifie que le réel est connu non pas directement mais par l'intermediaire de sa configuration." (BESSE. 1992, p. 93-4)

3 Questões sobre Paisagem

A realização dos primeiros trabalhos de campo em Atafona se deu em um contexto teórico e metodológico bastante diferente daquele indicado acima. Minha vinculação ao Projeto Atafona nos anos de 2006 e 2007 me inseriu em uma investigação que utilizava métodos e adotava pontos de partida muito contrastantes com os adotados nessa fase atual da pesquisa.

Em um artigo publicado na Revista Brasileira de Cartografia (RIBEIRO at al, 2004) os objetivos do Projeto Atafona foram definidos como: 1. gerar mapas digitais representativos da erosão costeira e dos acréscimos continentais; 2. quantificar a erosão para épocas distintas em seus aspectos morfométricos; 3.subsidiar o monitoramento da erosão costeira ativa – retrogradação observada em Atafona desde antes de 1960, na parte sul da foz do rio Paraíba do Sul.

Coerente com essa busca, os primeiros trabalhos de campo dos quais participei consistiam na obtenção de dados para a realização do mapeamento digital da feição erosiva. Assim, geralmente em pequenas equipes de 5 a 6 pessoas, percorríamos a linha d'água com dois aparelhos de GPS de alta precisão, conectados a antenas móveis. À medida que caminhávamos pelas praias de Atafona e Grussaí⁸, o aparelho realizava as marcações do percurso de modo a posteriormente permitir sua transposição para uma base georeferenciada.

As idas a campo realizadas nessa época eram em geral curtos, não ultrapassando a duração de quatro dias. O objetivo era realizar as medições, de modo que o processo erosivo observado in loco pudesse ser representado com maior precisão. As mudanças ocorridas na

em conjunto, a explicação das mudanças na zona costeira como um todo.

⁸ A inclusão de Grussaí no percurso se deu pelo fato de lá ocorrer o processo reverso daquilo que ocorre em Atafona, a progradação. Ou seja, enquanto em Atafona ocorreu um avanço da linha d'água, em Grussaí ocorre o seu recuo, o que redunda em um aumento da faixa litorânea. A ideia de monitorar ambas as praias é a de respeitar a articulação funcional entre os dois processos, de modo a tornar inteligível, através dos dados obtidos

paisagem relacionadas ao avanço da linha d'água poderiam ser adequadamente localizadas em um sistema de coordenadas geográficas bem como o ritmo do processo erosivo quantificado através do uso de programas de geoprocessamento.

Nessas primeiras investidas, as características cênicas singulares bem como o envolvimento com o monitoramento do processo erosivo conduziram ao interesse pela paisagem. A inter-relação de fatores que engendravam aquela morfologia aos poucos ia se desvelando com a pesquisa. Pressentia, porém, algo que escapava aos mapas, que não poderia se registrado pelos instrumentos de precisão.

Antes mesmo de conhecer as possibilidades teóricas do conceito de paisagem, ela, enquanto noção de senso-comum, dava conta justo daquilo que parecia se esvair das nossas representações cartográficas: as impressões que Atafona legava. O trajeto que percorríamos da região metropolitana, no qual se sucediam a mancha urbana, os morros em meia laranja, a planície campista até chegar a Atafona só contribuía para reforçar a sensação de uma personalidade da paisagem, com o vento forte que por vezes fazia nossos olhos lacrimejarem, e que sopravam o gosto salgado do mar nos nossos rostos. Foi caminhando pelas dunas, cercado pelo mar cor de terra e pelas casuarinas inclinadas pelo vento que os primeiros passos da pesquisa foram dados em uma direção diferente daquela prevista.

Se Atafona era mesmo portadora de uma espécie de "gênio do lugar" ⁹, como então se encontrariam marcadas as impressões dos outros agentes sociais por aquela paisagem? Foi assim que o contato com Atafona nessa época rendeu uma alternativa de investigação. A precisão que ganhávamos ao representar a erosão através das tecnologias digitais e da

"personalidade" que a singulariza.

⁹ "Émotion que nous éprouvons devant certains lieux, accompagnée de la conviction qu'ils sont habités, animés d'une sorte de génie, esthétique et mystique, qui leur appartiendrait en propre." (ROGER, 2006, p.52). Ao mesmo tempo essa ideia de um "gênio do lugar" pode ser remetida às descrições realizadas por Paul Vidal de La Blache, no clássico "Tableau de Géographie de la France" (1903), no qual cada região francesa possui uma

elaboração de mapas produzia também um afastamento do sensível, e não só em relação à nossa experiência em campo, mas também daquela que marcava a vida dos que interagiam todos os dias com Atafona.

Esse interesse em produzir uma abordagem mais sensível, que possibilitasse a incorporação de dados da experiência nas pesquisas e que ao mesmo tempo fosse um contraponto à rigidez da cartografia, tornou emblemático um encontro ocorrido durante as primeiras pesquisas em campo. Nota-se ao longo da costa a presença de pichações que remetem o avanço do mar a passagens do livro do Apocalipse. Apesar da autoria das mesmas ter se revelado de difícil averiguação, elas tiveram como efeito de indicar a possibilidade de, frente ao processo que monitorávamos "objetivamente" através do GPS, as reações serem extremamente diversas.

De um lado, todas aquelas mudanças sendo transpostas para mapas precisos, de outro, uma leitura que se utilizava de uma narrativa sobre o fim do mundo e a associava às ruínas. As imagens 03 e 04 remontam a essas formas bastante distintas de representar o ambiente, que diferem quanto a sua própria linguagem: uma é fruto de uma visão cartesiana — distanciada, objetivista — outra, de uma leitura sugestiva de valores religiosos e afetivos.

Desde então, quando delineei a possibilidade de múltiplas interpretações sobre os processos em curso, o campo passou a se direcionar para a realização de entrevistas junto à população local, no intuito de averiguar como o processo de retrogradação afetava suas vidas e como as mudanças adquiriam sentido em suas visões de mundo. Para essa frente contribuiu a postura do meu próprio orientador na época, que se interessava na multiplicação das frentes de pesquisas na região.

Através desse percurso passou-se a valorizar o conceito de paisagem, na forma como ele é pensado a partir da renovação da geografia cultural pós-1970. Em linhas gerais,

privilegiar esse aporte conceitual foi a forma encontrada de valorizar a dimensão simbólica das mudanças ambientais observadas em Atafona, apontando na direção de investigar como a população local, os turistas e veranistas as percebiam. Nessa época, paralelamente ao campo, foi iniciado um trabalho de levantamento e leitura de documentos que tematizassem as mudanças ambientais em Atafona. Foram utilizados sobretudo jornais de circulação local e jornais do Rio de Janeiro

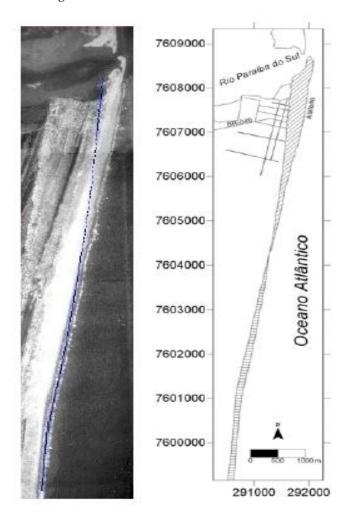


Imagem 03 – Área erodida entre 1954/2004.

A imagem é dividida em duas partes. À esquerda tem-se um recorte de fotografia aérea na escala 1/30.000 para o ano de 1954 onde foi destacada a linha de praia demarcada com o sistema GPS pela equipe do projeto em janeiro de 2004. À direita, um mapa simplificado com linha tracejada representando a linha de praia em 2004. No mapa a área erodida foi indicada com hachuras inclinadas e a área acrescida em hachuras horizontais. Tem-se assim a reunião dos dados obtidos em campo e sua representação precisa através do georeferenciamento. Nessa perspectiva, as rupturas do campo de visão que as paisagens impõem são superadas pela visualização mais ampla que o mapa permite. Os processos separados pelo limite de alcance do campo visual têm sua articulação funcional explicitada pelo mapa, que passa a ser a representação da unidade do processo erosivo sob a forma de imagem.



Imagem 04 – Ruínas próximas à praia. Fonte: Acervo do Projeto Atafona, 2006

Note as inscrições no canto direito. O prédio, referido como o hotel do "Julinho", cedeu à força das ondas em 2008. A julgar pelo tom brilhante das tintas observado em 2011, novas inscrições foram feitas posteriormente à queda da construção.

O contato com as inscrições fortaleceu o interesse para se trabalhar com as diferentes formas de apreensão sobre as mudanças em curso em Atafona, sobretudo pelo contraste produzido por essa visão em relação aos objetivos iniciais da pesquisa.

Tal esforço é coerente com as mudanças que se processaram na geografia cultural nas últimas décadas. Para Paul Claval,

A análise da paisagem foi renovada por perspectivas recentes. O que nos envolve não é mais visto somente como uma realidade objetiva. É ao papel que desempenha nos processos culturais e nos valores que aí se leem que os pesquisadores se atêm, de agora em diante. (...) ela [a paisagem] constitui o quadro em relação ao qual aprendemos a nos orientar; ela fala da sociedade na qual se vive, e das relações que as pessoas ai estabelecem com a natureza; este cenário está carregado de lembranças históricas cuja significação é apreendida pouco a pouco. (CLAVAL; 1999, p. 92)

Daí a afirmação de que a paisagem é um "reflexo das forças físicas, da organização social e dos sonhos dos homens." (CLAVAL; 1999 p.80). O mesmo princípio leva o autor a afirmar que

entre os pesquisadores que se interessam pelos fatos de cultura, os geógrafos são os únicos a considerar a paisagem como mediador na transmissão de valores, e a ler nas obras que os homens inscreveram na superfície da Terra um testemunho de suas aspirações e sonhos. (CLAVAL; 2002, p.147)

Essa maneira de conceber o conceito de paisagem leva Meinig a enumerar exemplos que culminam em "dez versões sobre a mesma cena":

Tomemos um pequeno, mas variado grupo de pessoas, com o intuito de olharmos uma porção determinada da cidade ou do campo. Cada qual, a seu turno, descreverá a 'paisagem' (aquela 'parte do espaço que é vista de um único ponto', como define o dicionário), detalhando sua composição e falando algo sobre o significado do que pode ser visto. (MEINIG, 1996, p.35)

O ponto em comum entre as concepções de paisagem indicadas acima é a ênfase dada na possibilidade de se ler através dela os valores que orientam a relação dos grupos sociais com o seu ambiente, no caminho da busca de um "descentramento" ao qual se refere Claval (2002). Sendo assim a paisagem não seria composta somente pelos seus aspectos "materiais", mas seria remetida igualmente à representação que dela se faz e sobre a maneira pela qual ela, como "mediadora na transmissão de valores", seria um reflexo e ao mesmo tempo um elemento constitutivo da experiência humana. Os estudos pautados pela noção de paisagem de dariam através do estudo e interpretação das diferentes visões de mundo dos atores sociais envolvidos, das relações que travam com seu ambiente.

Esta abordagem remete à etnogeografia de Paul Claval à qual aludimos no início do texto, justamente por propor uma abertura às representações que as sociedades fazem do mundo, da natureza que as cercam e das relações sociais que travam no espaço. Somente nos contextos socioespaciais nos quais essas ideias são produzidas, circulam e são ressignificadas pelos indivíduos pode-se falar de uma geografia que de fato considere a dimensão cultural.

Um questionamento, no entanto, se faz necessário. À medida que se reconhece que a noção de paisagem, longe de ser uma noção restrita aos meios acadêmicos, possui um longo desenvolvimento histórico e porta uma carga semântica nem sempre fácil de ser definida,

corre-se o risco de se projetar em outras sociedades os modos de representação do ambiente característicos de uma determinada cultura.

Um ponto em comum também chama a atenção nas propostas indicadas: os autores, de uma maneira ou de outra, acabam conferindo status ontológico à paisagem. Só assim ela pode ser concebida como uma cena, que pode ser vista sob "dez versões" diferentes (MEINIG, 1996). Ela seria um dado, existiria de fato, embora possam se multiplicar os pontos de vista sobre ela.

Ao pensarmos na paisagem como noção capaz de abranger as representações de diferentes grupos sociais sobre seus ambientes, como em uma *etnogeografia*, corre-se o risco, pelo contrário, de se cair em um *etnocentrismo*, através da projeção de nossas formas de sensibilidade e experiência para realidades nas quais elas não necessariamente encontram correspondência. Pergunta-se então até onde a noção de paisagem nos auxilia a desvelar os sentidos que os grupos sociais atribuem a seu ambiente e como ela pode ser usada como ferramenta de pesquisa, ao invés de simplesmente postularmos sua existência e pautarmos as pesquisas na atribuição de sentido que dela se faz.

Em uma direção semelhante, Phillipe Descola ressalta os riscos por detrás de estudos que visam interpretar a relação das sociedades com a "natureza", uma vez que tal noção pode ser considerada uma construção "ocidental", e que não necessariamente encontra paralelo nas categorias nativas:

I am reluctant to adotpt the relativist position because, among other reasons, it presupposes the existence of what needs to be established. If every culture is considered as a specific system of meanings arbitrarily coding an unproblematic natural world, which everywhere possesses all the features that our own culture attributes to it, then not only does the very cause of the nature-culture(s) divison remain unquestioned, but, declarations to the contrary notwithstanding, there can be no escape from the epistemological privilege granted to western culture, the only one whose definition of nature serves as the implicit measuring rod for all others. (DESCOLA, 1996, p.84-5)

Descola rompe com a reificação das noções ao afirmar em outro estudo não ser possível falar em paisagem entre os Achuar da Amazônia, primeiramente por um motivo prático, o de que em meio à floresta densa ser impossível falar de horizonte¹⁰, e depois por um motivo que toca na cosmologia nativa:

"chez les Achuar par exemple, c'est justement la forêt qui est un jardin, celui des esprits bien sûr, et en faisant des jardins, les Achuar ne font rien d'autre que de reproduire à une échelle réduite ce jardin des esprits qu'est la forêt. Par conséquent, il n'y a pas ici d'exteriorité de la nature, qui paraît être la condition première pour une représentation du paysage, puisque ce que nous appelons nature n'y est qu'un collectif de non-humains entièrement immanent au champ social." (DESCOLA, 1991, p. 157)

A inserção em uma outra cultura tensiona as concepções do pesquisador, desnaturalizando sua forma de ver e perceber o ambiente. É justo nessa tensão que surge a possibilidade de compreensão de outras visões de mundo e ao mesmo tempo a ampliação da consciência sobre as características dos esquemas de percepção típicos da cultura do próprio pesquisador.

Questionamento semelhante aplica-se no âmbito da geografia. Augustin Berque explicita em um de seus trabalhos:

Entendo aqui a geografia cultural como o estudo do sentido (global e unitário) que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza, relação que a paisagem exprime concretamente."[...]. Ela [a paisagem] existe, em primeiro lugar, na sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica. Procurar definir essa lógica para tentar compreender o sentido da paisagem é o ponto de vista cultural que se indicou acima. (BERQUE, 2004, p. 84)

O autor, entretanto, ressalta que nem todos os modos de conferir sentido e experienciar o ambiente passam pelo uso da noção de paisagem e de práticas relacionadas a uma "cultura paisagística". Houve assim civilizações paisagísticas e não-paisagísticas (BERQUE, 1994,

¹⁰ "Il est dificile de parler de paysages dans le cultures de la forêt amazonienne. (...). Il me semble qu'il n'y a rien de tel en forêt. Il y a d'abord à cela une raison très materielle, c'est qu'il n'y a pas véritablement d'horizon. Dans les habitats indiens des clairières, le champ visuel est immédiatement borné par la végétation, sauf au bords des rivières (...). Ainsi, j'ai vécu pendant plusieurs mois dans un village achuar de forêt profonde, sans horizon. (DESCOLA, 1991, p156-7)

1995, 2000). A ideia traz, no entanto, um inconveniente que é preciso contornar. Se a paisagem é concebida como uma mediação entre o mundo das coisas e o da subjetividade humana (BERQUE, 1995, p.22), a percepção do meio enquanto paisagem não é universal (apesar de nos parecer por vezes tão alto-evidente) posto que depende dos modos como se estruturam essa subjetividade, algo ligado à constituição histórica particular de cada grupo social. Se falar de "paisagem" referindo-se à percepção de sociedades não-paisagísticas significar projetar nelas nossos esquemas de percepção, surge um dilema conceitual: como falar sobre eles sem reduzí-los à nossa percepção do ambiente? É para oferecer uma alternativa conceitual que Berque afirma:

nous avons besoin (...) d'un concept qui nous permette de prendre en compte la relation de toute société à son environnement, quelle qu'elle soit, sans réduire ethnocentriquement cette relation à celle qui nous est propre (et que caractérise une vive conscience du paysage); sans non plus l'éparpiller en autant de notions qu'elle en existe dans les diverse langues du monde à propos de l'environnement. (BERQUE, 1995, p.35)

Para Berque, esse conceito seria o de "mediância", que se refere aos modos como se organiza a relação das sociedades com o seu meio. Ao propor o conceito, o autor também se encaminha para uma tentativa de superar antigas dicotomias que marcam a cultura ocidental de forma mais ampla e a geografia em particular. Procurando oferecer uma resposta a oposição entre uma leitura objetivista ou subjetivista sobre a percepção sobre o ambiente, o autor afirma que nossas relações com o entorno não repousam exclusivamente em nenhum desses polos:

la médiance relève à la fois du physique et du phénoménal, de l'écologique et du symbolique, du factuel et du sensible. C'est le sens d'un milieu, sens qui est simultanément signification, perception, sensation, orientation et tendance de ce milieu en tant que relation. (BERQUE, 1995, p. 36)

A intenção em evitar o uso da noção de paisagem indiscriminadamente se dá justo por conta de referida redução etnocêntrica à qual a pesquisa fica exposta. Encarar todas as mediâncias como marcadas por uma consciência de paisagem significa projetar códigos de interpretação do ambiente que podem não encontram correspondentes em todas as sociedades,

projeção que abrange dicotomias presentes na cultura ocidental (como objetivo x subjetivo), mas que porém não dão conta da complexidade como outros modos de relação com o ambiente possam se organizar. Tal como a crítica feita por Descola, sobre a reificação da noção de natureza, corre-se o risco de se instaurar o mesmo problema quanto à noção de paisagem.

Nesse contexto torna-se problemática a oposição proposta por Buss e Cabral. Os autores sugerem uma concepção de "paisagem como texto",

A abordagem se desloca do entendimento da paisagem como 'campo de visibilidade', quando se caracterizam suas formas e estrutura visível, para a paisagem enquanto 'campo de significação' individual e sociocultural, onde se enfocam os significados e valores constituídos pelos sujeitos e grupos que a vivenciam. (BUSS e CABRAL, 2002, p. 47).

Ao discutir a reificação da natureza e a relativização do conceito de paisagem, apontase na direção justamente oposta, a de aproximar os dois campos dissociados pelos autores, no sentido de que a paisagem representaria um modo específico de experienciar o que nos circunda e, como tal, seria a um só tempo e indissociavelmente um modo de visibilidade e de significação.¹¹

Tendo em vista as discussões anteriores, tentei reunir a literatura sobre paisagem abrangendo essas duas posições gerais que parecem permear muito das discussões atuais sobre o tema. De um lado a posição na qual a paisagem (dotada de status ontológico) abarcaria as percepções e valores que os grupos sociais produzem a partir da sua relação com

visível, mas ao implicar em uma seleção do que é "fotografável" revela muito das preferências e valores de quem a realiza. Tal como na paisagem, nas fotografías fundem-se o visível e o significado, tornando problemática qualquer tentativa de dissocia-los.

¹¹ Nesse sentido torna-se fortuita a analogia com uma linguagem que ajudou a estruturar e atualizar a cultura paisagística: a fotografia. Para EDWARDS (1996), toda fotografia pressupõe uma circunscrição cultural que defina o que é "fotografável". Encarar a fotografía como registro objetivo seria o mesmo que se filiar a uma tradição que, segundo a autora, olha *dentro* das culturas *através* das fotografías. Ao reconhecer o estatuto próprio da linguagem fotográfica, cria-se a possibilidade de "olhar dentro das fotografías e através delas dentro da cultura, tanto a cultura representada quanto a representante." A fotografía seria, portanto, não só um registro do

o meio. De outro, uma certa relativização do termo, que abarca um desenvolvimento histórico próprio e que não encontraria paralelos em todas as culturas.

O que busco tornar claro é que não se trata de postular a existência da paisagem e atribuir a ela os sentidos que bem entendemos, nem muito menos reduzir a pesquisa a um exercício abstrato de verificar se ela existe ou não entre os agentes sociais privilegiados durante a pesquisa de campo. Trata-se de promover um exercício de aproximação quanto às formas como a relação com o meio adquire sentido no contexto em questão. A relação das sociedades com o seu ambiente pode ou não passar pela *noção* de paisagem. Pensar nessa tensão que permeia o uso da paisagem como conceito (que a situa entre uma abordagem etnogeográfica ou etnocêntrica), no entanto, rende uma possibilidade de enriquecimento para a pesquisa, no sentido de servir de base de comparação para compreender outras mediâncias não marcadas por uma consciência paisagística.

Durante a realização do trabalho campo, por mais que se tenha ideia de que os códigos mobilizados para conferir sentido às experiências não serão idênticos entre o pesquisador e seus interlocutores, o distanciamento em relação à nossa própria mediância nunca é possível, ou sequer desejável. A paisagem é, de certo modo, o "nosso" mito, a "nossa" forma de conferir sentido ao ambiente. Mesmo que se reconheça que não se trata de um esquema de percepção universal, deve-se reconhecer que ao cultivar e tomar consciência da forma como se organiza nossa relação com o meio (que passa pela noção de paisagem) estaremos mais aptos para compreender outras formas, outras mediâncias que, em variados graus e de diferentes formas, se distanciam daquilo que nessa grande generalização não destituída de sentido que é o "Ocidente" convencionou-se chamar de paisagem. Mesmo não universal, a paisagem é referência, é parte integrante do código cultural que um geógrafo, como membro de uma cultura particular, carrega consigo. A paisagem tornar-se assim uma referência, um ponto de apoio onde nos situamos, a partir do qual se torna possível, pela contraposição com

outras mediâncias, reconhecer as diferenças nos modos com se organiza a relação com o ambiente.

A tensão inerente ao conceito de paisagem e a alternativa proposta por Berque serviu de base para a sistematização dos relatos obtidos. Foi privilegiada a pesquisa de campo, como forma de investigar as mediâncias constituem-se culturalmente na relação dos agentes sociais de Atafona com o seu ambiente.

4 A organização do trabalho de campo

Conforme indicado, meu ponto de partida foi averiguar como o processo de retrogradação (ou, como denominado por muitos de meus interlocutores locais, o "avanço do mar") afetava as vidas daqueles que interagiam com maior sistematicidade com as mudanças ambientais em curso. Mais do que avaliar perdas materiais ou problemas de ordem prática, à medida que a pesquisa foi se individualizando, o interesse foi direcionado no sentido de compreender como a mediância dos grupos entrevistados seria mobilizada e marcada por esses acontecimentos.

Após a definição dessa frente alternativa de pesquisa no âmbito do projeto, quando me foi dada a possibilidade de me autonomizar do restante do grupo para a realização das entrevistas, deixei de me envolver diretamente com as atividades de cunho técnico, como a utilização do GPS e o tratamento dos dados georeferenciados, o que facilitou a observação do ritmo de vida em Atafona, importante para a obtenção de dados e para a elaboração de estratégias de aproximação.

De início pude notar que já havia movimentação nas ruas por volta das seis horas da manhã. Essa movimentação relacionava-se sobretudo à comercialização de peixes, em mercados próximos à Igreja de Nossa Senhora da Penha, à beira do rio Paraíba do Sul. A medida que o dia avançava, por ser um balneário importante no norte fluminense, observava-se ali a movimentação de turistas ou de pessoas que possuíam residências secundárias.

No intuito de priorizar interlocutores que mantinham um contato mais sistemático com Atafona, possuindo residência fixa e efetivamente morando ali durante todo o ano, acabei por direcionar nossas atenções para os pescadores. Foi nesse grupo que encontrei os indivíduos que possuíam relação mais duradoura com Atafona ou que viveram no passado na Ilha da Convivência. A relação dos pescadores com os elementos ambientais ali presentes (o

rio, o mar, o mangue, o vento) bem como a riqueza de suas memórias ajudaram a justificar nosso interesse em entrevista-los, uma vez que seus laços pareciam mais profundos do que aqueles mantidos pela população flutuante de veranistas.

A presença de vários pequenos mercados em torno da igreja e a movimentação que sempre havia por ali pareciam criar condições adequadas para as entrevistas, o que não se confirmou com o tempo. Percebi que, ocupados com o transporte das mercadorias e com as negociações de venda, os pescadores não estavam dispostos a conversar. E, ao tentar realizar as entrevistas com os comerciantes, muitas vezes também ligados à pesca, não encontrei maior receptividade: conversar comigo representava dividir a atenção que deveria ser dedicada aos clientes ou a outros afazeres. Mesmo quando encontrava maior receptividade, realizar entrevistas nos mercados nos sujeitava a interrupções constantes, o que atrapalhava o bom andamento da abordagem.

Como alternativa, busquei realizar entrevistas na praia bem como nos píeres, utilizados para pesca com vara em momentos de lazer. Apesar dessa frente ter se revelado frutífera, pois efetivamente travei contato com alguns pescadores, talvez pelo momento de descontração ou de descanso em que se encontravam, sempre ficava a impressão de que estava interrompendo algo importante, fosse uma conversa ou o próprio silêncio. Como se tratava também de uma espécie de ponto de encontro, realizar as entrevistas nos píeres dificultava retomar os contatos, em caso da necessidade de conflitar informações ou complementar os dados obtidos.

As entrevistas nesses locais igualmente dificultavam a seleção de nosso universo de pesquisa. Como muitas vezes não era possível diferenciar com clareza os pescadores dos

outros frequentadores da praia¹², acabava não conseguindo seguir a prioridade que procurava dar a quem possuísse um contato mais duradouro com os elementos ambientais de Atafona.

A essas dificuldades de cunho prático somam-se algumas dificuldades relacionadas ao modo como estruturamos a pesquisa. No sentido de que falava Malinowski, ali vivenciei o papel dos "imponderáveis da vida real" frente às informações coletadas em campo. Meus interlocutores reconheciam o processo erosivo, conheciam os efeitos que ele provocava, porém entre essa constatação e a afirmação de que o processo erosivo assumia importância fundamental na percepção sobre Atafona há uma grande distância, como vim a constatar.

Em retrospectiva, se operasse o exercício de separar aquilo que nos foi dito da emoção que permeava a fala, teria sido fácil intuir a carga afetiva — ou, em alguns casos, a ausência dela — que acompanhava os relatos sobre a erosão. Mesmo quando encontrava pessoas que sofreram duras perdas materiais, suas vozes não denotavam sofrimento ou ansiedade frente às futuras variações do avanço do mar. Isso, de início, nos foi chocante, dado que as investigações se pautavam no pressuposto de que havia algum impacto provocado pela erosão, por mais que ele não fosse sentido e representado da mesma forma por todos. Além disso, pelas sugestões oferecidas pela cobertura jornalística sobre a erosão, esperava que o fenômeno fosse vivenciado como uma verdadeira catástrofe.

De acordo com uma matéria da BBC Brasil, do ano de 2007, por exemplo, Atafona estaria "perdendo a luta contra o mar", tendo suas casas e ruas "engolidas pelas forças das ondas". Em matérias desse tipo, é recorrente a reprodução de imagens das ruínas, usadas para conferir uma dramaticidade aos eventos que parecia estar ausentes nos discursos dos entrevistados, como sugere a fala de Dona Belita, uma das únicas moradoras a permanecer na

¹² Para isso contribuiu a incorporação de determinados hábitos de consumo, sobretudo relacionados à vestimenta ou até o uso de acessórios, como *piercings*, entre os pescadores mais jovens. Segundo alguns pescadores mais velhos, ao verem alguns desses jovens passando pelas ruas durante as entrevistas, eles pareceriam "mais é com surfista".

Ilha da Convivência, que diante das câmeras só faz confirmar sua decisão resoluta em permanecer. Houve uma ambientalização dos discursos sobre a erosão que inclusive distorcia suas causas reais. Algumas vezes, as reportagens relacionavam o processo ao aquecimento global, convertendo as ruínas em um símbolo da crise do meio ambiente¹³.

A mesma postura distanciada notava-se quando falávamos de "paisagem" entre os pescadores, termo presente em perguntas do questionário que elaborei. Seu uso não inviabilizava a comunicação, dado que seu significado era, mesmo que de forma vaga, conhecido. A todo o momento, no entanto, surgia a dúvida se de fato conseguia penetrar nas formas como os moradores conferiam sentido ao seu ambiente, já que as reações às minhas perguntas nunca revelavam muita vivacidade, como se falasse de assuntos que não se travestissem de real importância no cotidiano e na visão de mundo dos entrevistados.

Esse duplo distanciamento, marcado pela falta de uma dramaticidade no relato sobre o processo erosivo e à falta de interesse diante da menção da "paisagem" nas entrevistas, remete aos dois polos entre os quais, conforme defendido anteriormente, se movem as concepções de paisagem.

Se em um polo o conceito é vinculado ao "descentramento" ou à possibilidade de originar uma "etnogeografia", no outro, ao portar uma carga semântica própria que não necessariamente é partilhada entre o pesquisador e seus interlocutores, ela acaba projetando em outros grupos sociais esquemas de percepção e valores que não lhes são característicos. Continuar na afirmação na centralidade do processo erosivo ou tomar a noção de paisagem como a categoria evocada para conferir sentido ao ambiente junto aos pescadores aproximaria nossa abordagem daquela criticada por Descola. Projetamos nossas categorias (seja a de

¹³ Cabe lembrar que a ocorrência do processo na região é condicionada a uma predisposição natural, ligada ao regime de ventos e de ondas. Há evidências da manifestação do processo ao longo do passado geológico, como demonstra RIBEIRO (2009).

"natureza", conforme indica o autor, ou a de "paisagem", conforme minha situação de pesquisa), postulamos a importância de certos elementos do ambiente (a erosão ou as ruínas) para depois pautarmos a investigação nas formas como os agentes sociais as interpretam. Ao proceder de tal forma, mesmo valorizando a realização de entrevistas, nossos próprios questionamentos, pelos pressupostos que carregam, distanciam-se dos modos como se produz a relação com ambiente através de práticas sociais e de categorias nativas – reificando um leitura sobre o ambiente.

A partir dessas experiências inicias, delineou-se uma outra tensão, essa de cunho mais interpretativo do que propriamente teórico. À medida que avançava nas entrevistas e aprofundava o contato com os interlocutores, levando em conta os problemas da abordagem utilizada nas primeiras idas a campo, pude notar que o interesse pela entrevista era intensificado quando as conversas seguiam outras direções.

A vivacidade dos relatos e a profusão de termos para representar fenômenos associados à pesca ajudaram-me a perceber a centralidade que essa atividade possuía na visão de mundo dos pescadores. A impressão era de que, frente àquilo que poderia ser descrito como uma experiência permeada por uma "vívida consciência de paisagem", pudesse ser contraposta uma visão mais acurada dos detalhes, como se os elementos ambientais que compunham um "todo" sob a forma de paisagem fossem vivenciados em si pelos pescadores. A tensão identificada aqui se refere a um certo *distanciamento* que funde esses elementos múltiplos e os torna *paisagem*, enquanto a *proximidade*, fruto de anos de envolvimento com a pesca, decompõe esse todo em unidades menores, essas sim portadoras de forte significado e de carga afetiva para os pescadores, como o rio, o mar, as ilhas, o mangue.

Essa possibilidade de interpretação acerca da tensão entre distanciamento e proximidade sugerida aqui visa tornar mais clara o contraste que existe entre as diferentes

formas de conferir sentido ao meio – entre as diferentes mediâncias – e será trabalhada com mais profundidade nas partes subsequentes. Por ora, o que reterei dessas discussões são suas implicações metodológicas.

4.1 Novos rumos no planejamento de campo

Na pesquisa de campo realizada entre os dias 10 e 29 de janeiro de 2011 foram entrevistadas ao todo 31 pessoas, todas adultas com idades que variaram de 23 a 67 anos. Devido à melhor receptividade à pesquisa e pela riqueza do relato sobre a vida local, muitos foram entrevistados por mais de uma vez, tendo a realização das entrevistas nas casas dos entrevistados se convertido em uma forma de facilitar a retomada do contato.

Na época em que foi realizado o último campo alguns pescadores se ocupavam de uma de suas atividades em períodos de defeso ou de condições não favoráveis à pesca. O remendo de rede é uma prática difundida, que consiste na realização de reparos nas redes de pesca ou na tessitura das redes em si. Esse não é um ofício dominado por todos os pescadores, que acabam solicitando a outros que o realizem. Aproveitando o clima ameno e o vento fresco, o remendo é feito do lado de fora das residências, nas calçadas e quintais das casas.

Além de render uma maneira fácil de identificar os pescadores, o remendo de rede se converteu em uma possibilidade de aproximação à medida que pude perceber que havia um outro motivo para ele ser realizado ao ar livre. Fazer o remendo do lado de fora era uma forma de sociabilidade: encontravam-se amigos que passavam, pediam-se linhas e agulhas emprestadas, conversava-se sobre os acontecimentos cotidianos, observava-se o movimento da rua. Apesar dos variados graus de interesse com que fui recebido, o momento em que os remendos eram feitos me pareceu uma boa oportunidade para promover a aproximação, pela postura em certo grau descontraída presente enquanto essa atividade era realizada.

Apesar das aproximações terem transcorrido de maneira em geral tranquila, mesmo no momento em que mais recebi hostilidade à minha presença converteu-se em um momento importante da pesquisa, indo no sentido de confirmar algo que vinha se delineando desde o momento quando retomei as atividades de campo no início de 2011: a importância que assumia os empreendimentos ligados à construção de um porto na praia do Açu, também no município de São João da Barra. Pude perceber o caráter conflitivo que os empreendimentos adquiriram, sobretudo quanto aos prejuízos que podem causar à atividade pesqueira. Ao ser confundido por uma moradora com um possível pesquisador enviado pelas empresas participantes do consórcio responsável pela construção do porto, houve recusa veemente de participação das minhas entrevistas. A construção do porto também foi alvo de atenções ao longo da pesquisa e o próprio incidente de ter a entrevista negada (com berros e ameaças no meio da rua, diga-se de passagem) contribuiu para ratificar esse conflito que se delineia acerca desses empreendimentos.

Desde o início, a intenção era dividir a realização das entrevistas entre o Pontal de Atafona e a Vila Esperança, locais para onde muitos moradores de Atafona e da Ilha da Convivência foram realocados em casas ou terrenos doados pelo governo após terem sido desabrigados por conta da erosão. Pude supor, portanto, que seria de interesse para a pesquisa efetuar esse deslocamento para a Vila Esperança, de modo a contrapor os relatos de seus moradores com os do Pontal.

Assim, das três semanas passadas em Atafona, metade das atividades ocorreu no Pontal e a outra na Vila Esperança (imagem 05). E devido à valorização que a população manifestou frente à construção do porto, participei da audiência pública para o licenciamento da implantação de uma linha de transmissão de energia em São João da Barra, que faz parte do conjunto de empreendimentos relacionados ao empreendimento.

Através do comparecimento na audiência foi possível ter uma ideia sobre o efeito dos empreendimentos no cotidiano dos moradores de outras localidades do município. No capítulo seguinte inicia-se o tratamento dos relatos de campo. Eles foram organizados de acordo com a mediância dos grupos entrevistados e abrangem também um evento recorrente nas entrevistas: a construção do porto e do complexo industrial no Açu.



Imagem 05– imagem de satélite Pontal/Vila Esperança. Fonte Google Earth.

Na parte superior da imagem (orientado para o norte), o Rio Paraíba do Sul, à leste o oceano Atlântico. Indicado com o marcador "A" tem-se a entrada para a Vila Esperança ao sul e do outro lado da estrada que corta o local tem-se o Cehab (conjunto habitacional). Próximo ao marcador "A" da imagem e correndo na direção nordeste, um córrego que deságua no Paraíba e que liga essa área ao pontal e ao mar. No marcador "B" indicou-se o centro urbano do Pontal, próximo à Igreja de Nossa Senhora da Penha.

Quanto à abordagem adotada, ao invés de direcionar a interação para os temas que supunha serem o mais importantes, procurei estimular a conversa através de perguntas mais abertas, sobre "como é viver em Atafona" ou sobre "como andava a situação por ali".

Apesar do caráter vago das perguntas, essa se revelou uma estratégia profícua, no sentido de que me afastava dos falsos pressupostos que carregava, sobretudo quanto a uma valorização excessiva conferida ao avanço do mar e à perda das casas. Através dessa abordagem foi possível verificar quais temas eram evocados como os mais representativos da relação que os interlocutores mantinham com Atafona.

Procurei também omitir o fato de já ter realizado pesquisas ali relacionadas à erosão, o que poderia acabar direcionando o foco das conversas artificialmente para esse tema. Apresentava-me como pesquisador e, quando perguntado, confirmava já ter estado por ali antes, porém sem compartilhar a natureza das minhas atividades anteriores. No geral essas ações visavam estimular a conversa ao invés de conduzi-la. A partir da reação inicial a essas perguntas e de uma sistematização preliminar das notas de campo ao final de cada dia, pude elencar os temas mais recorrentes e aqueles que pareciam ocupar maior peso, maior densidade de significados na vida dos interlocutores.

Como dessa vez dei preferência à realização das entrevistas nas casas, houve maior facilidade em identificar o grupo que privilegiei na pesquisa bem como retornar aos informantes quando julgava necessário, uma vez que conseguia localizar suas residências. Assim pude confrontar informações, retomar pontos que me pareceram mais emblemáticos bem como descobrir a parcialidade de alguns informantes.

Procurava assim me distanciar de uma postura muito diretiva, embora consciente de que só minha presença e a realização das entrevistas já forçassem uma reação que não ocorreria caso não estivesse ali. A postura defendida aqui difere daquela assumida por outros pesquisadores envolvidos com a percepção ambiental. Tomamos como exemplo uma pesquisa realizada no município de Mirante do Paranapanema, em São Paulo, pautada em um questionário no qual figuravam perguntas como as indicadas abaixo:

Qual é a importância do córrego e/ou de suas nascentes no seu dia-a-dia? Como o senhor (a) avalia a situação dos recursos naturais neste local? Qual imagem (ens) o senhor (a) levaria deste lugar em caso de uma mudança amanhã? Por que esta imagem? Quais fotografias o senhor (a) enviaria a um parente que está distante para que ele conheça o lugar onde vive? Quais paisagens você pensa que deveriam ser fotografadas porque daqui a algum tempo elas não existirão mais? (SOUZA, 2010, p.141-2).

No caso acima, acredito haver um direcionamento muito forte quanto aos elementos e categorias que poderiam figurar na mediância do grupo entrevistado, como se partisse do pressuposto que eles são importantes não só para quem realiza a pesquisa, mas também para aqueles que responderam às perguntas. Essa é notadamente a situação quanto às perguntas que mencionam o "córrego" e os "recursos naturais". O pesquisador seleciona um elemento isolado da paisagem e o toma como importante (o "córrego") ou mesmo utiliza uma categoria que nem sequer parece ser compreendida ou utilizada pelos indivíduos entrevistados ("recursos naturais"), como bem sugere a análise do autor sobre as respostas dadas às perguntas.

Na pesquisa em Atafona foi preciso tempo para perceber que percorria um caminho não muito promissor: ao partir da investigação sobre as representações acerca da erosão e das ruínas já operava uma seleção daquilo que era importante. Assim, o que entrava em jogo eram mais as minhas opiniões do que as daqueles que entrevistava.

Tal distorção pode ocorrer tanto quanto aos elementos ambientais tidos como os mais importantes como também pode ocorrer de forma um pouco mais sutil, tocando na linguagem e nas formas de representação do ambiente. De fato, ao discorrer sobre os modos de se identificar a valorização da paisagem, Berque (1994) indica a necessidade de se estar atento para a existência de palavras para dizê-la, imagens que a representem e práticas que

testemunhem que se a aprecia¹⁴. Assim enumeram-se critérios empíricos para distinguir "civilizações paisagísticas", ou seja, cuja mediância passa por uma consciência de paisagem, daquelas nas quais esse traço não se observa:

1. Usage d'un ou plusieurs mots pour dire 'paysage'; 2. Une littérature (orale ou écrite) décrivant des paysages ou chantant leur beauté; 3. Des représentations picturales de paysages; 4. Des jardins d'agrément. (BERQUE, 1994, p. 16)

Adotando esses critérios empíricos como um guia na observação das práticas sociais em Atafona, foi possível identificar a maioria dos traços apontados por Berque, indicativos de uma "cultura paisagística", porém não entre os pescadores. Ao invés de pressupor, por exemplo, a valorização da imagem/fotografia de paisagens, através da interação com os interlocutores tentei observar se eles próprios teriam a iniciativa de apresenta-las a mim. Entre os pescadores, somente em três momentos a fotografia surgiu espontaneamente e me foi apresentada. Uma delas foi reproduzida abaixo.



Imagem 06- fotografia apresentada por Rosa durante a entrevista

[&]quot;Il y a eu des civilisations non paysagères – des civilisations où l'on ne savait pas ce que c'est que le paysage : pas de mots pour le dire, pas d'images que le représent, pas de pratiques témoignant qu'on l'apprécie...Bref, pas de paysage." (BERQUE, 1994, p.15)

Na imagem 06 fotografei outra fotografia que me foi apresentada por uma moradora de Vila Esperança, de 41 anos. Ela apresentou a fotografia de forma espontânea, como se de repente houvesse lembrado de algo importante que só pudesse ser narrado através da foto. Nela se vê o seu pai realizando um ofício ensinado à filha, o remendo de rede. Ele se encontrava então em uma antiga casa da família, localizada na Ilha da Convivência. A partir da foto ela começou uma narrativa sobre o tempo passado na ilha, sobre uma vida sacrificada, mas da qual sentia falta. O caso de Rosa denota a vinculação dos antigos moradores com a ilha: sua família chegou a perder sua casa três vezes, e em todos os casos construíam a nova residência na própria ilha, mesmo diante dos sucessivos avanços do mar.

Cabe ressaltar que as fotografias apresentadas pelos pescadores, "boas para contar" (GURAN, 2000) no sentido de estimular os relatos das memórias sobre Atafona, não denotavam a presença de uma visão paisagística. Tomando como critério a definição do dicionário, de paisagem como "conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar" ou ainda "extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama" (HOUAISS) as fotografias e outras representações pictóricas de paisagem portam uma linguagem visual caraterizada pela delimitação imposta pelo lance de vista. Berque (1995) assim detalha as características distintivas das fotografias de paisagem: a presença do primeiro plano e da linha do horizonte.

O contexto no qual essa e outras fotografias me foram apresentadas, bem como os momentos que foram capturados por elas – relacionadas sempre à pesca, tornavam difícil a identificação de uma mediância permeada por uma consciência de paisagem. Era como se a paisagem que eu mesmo via fosse olhada, por eles, mais de perto, decomposta nos seus elementos constituintes.

Para os pescadores, os elementos que animavam sua mediância – bem como alguns de seus dramas pessoais - eram o rio, o mar, as ilhas, os mangues, e toda uma variedade de zonas de pesca precisamente delimitadas, que dividiam o mar em regiões onde vigoravam estilos de pesca, divisão de trabalho e técnicas distintas. Falar em paisagem mais parecia a evocação de uma entidade genérica, abstrata e destituída de sentido. As ruínas, mais do que pitorescas, possuíam um caráter que remetia a tudo aquilo que se perdeu para o mar, daí falar-se de uma "cidade debaixo d'água".

Rosa falava sobre as atividades que caracterizavam o modo de vida dos antigos moradores da ilha: a coleta de madeira nas ilhas vizinhas, a cata do caranguejo, o uso da taboa para a confecção de objetos de uso doméstico. Era esse mundo que, em um fragmento, se visava apresentar através daquela fotografia. Um mundo que aos poucos a erosão tratou de consumir, e que é frequentemente lembrado com saudosismo: frente à desconfiança que existe quando se mora em Vila Esperança, na ilha as redes podiam ficar nos quintais, pois "todos se conheciam", não havia risco de roubo. Interpretar as mudanças ocorridas nos últimos anos em Atafona passa pela consideração desse modo de vida dos pescadores, de suas memórias, de uma sociabilidade em parte deixada em um passado por vezes idealizado.

As fotografias apresentadas na colônia de pescadores seguiam direção semelhante. Nos murais espalhados por várias salas, os momentos capturados remetiam a uma vivência do ambiente permeada pela prática da pesca. Se o rio, o mar ou qualquer outro elemento surgia, as fotografias não denotavam a intenção de explorar suas possibilidades cênicas — cores, formas, composição — mas sim surgiam em sua relação com a pesca. Não havia rio fotografado sem a presença de barcos ou mar sem pescadores. As fotografias assim, ao não denotar o compartilhamento de uma leitura paisagística, sugeriam o distanciamento dos pescadores em relação a esse modo de percepção, marcando ao mesmo tempo a centralidade da pesca na maneira como se organiza a relação com o ambiente.

Foi dessa forma que a adoção de uma abordagem mais aberta, com entrevistas semiestruturadas¹⁵, contribuiu para multiplicar não só os "pontos de vista sobre uma mesma cena" ¹⁶ mas também para compreender como a própria visão do ambiente enquanto cena parecia não traduzir adequadamente os valores e a visualidade inerente à mediância de todos os agentes sociais entrevistados.

¹⁵ As entrevistas contemplaram um conjunto fixo de informações, para contextualizar os relatos, referentes à idade, profissão, tempo de permanência em Atafona, mas também visaram estimular a fala sobre qualquer elemento que se julgasse importante sobre a relação com o ambiente.

¹⁶ Tal como alude Donald Meinig em seu artigo "O Olho que Observa: Dez Versões sobre a mesma cena". (MEING,1996)

5 A Contraposição de Mediâncias em Atafona

5.1 Entre o Balneário e a Pesca

Com uma composição social bastante heterogênea e de certa forma flutuante, Atafona apresentou um desafio prático à pesquisa, no sentido de que, por conta da limitação de tempo, seria impossível abarcar um universo de entrevistas significativo em todos os estratos que compõe seu quadro social.

Pelos motivos já especificados, dei preferência à realização de entrevistas junto aos pescadores, cujo cotidiano procurei acompanhar tanto nas localidades próximas ao Pontal como na Vila Esperança. Isso não impediu a realização de entrevistas fora desse núcleo central de interesse. A própria diversidade quanto à renda, escolaridade e modo de vida é um ponto que ressalta o interesse de pesquisas na região, uma vez que daí surge a possibilidade de contraposição entre diferentes mediâncias.

Logo após minha chegada, interessado nas possibilidades que essa contraposição poderia me oferecer, comecei as entrevistas por pessoas ligadas à economia urbana de Atafona, envolvendo comerciantes e funcionários de pousadas. Há um primeiro problema em relação a essa abordagem. Enquanto nada me soe mais adequado que usar o termo "pescadores", pois eles próprios se apresentavam dessa forma e suas vidas e modos de pensar estavam intrinsecamente ligados a essa condição, falar de um "setor urbano" é uma forma artificial de denominar um grupo bastante diverso e que não aplica a si tal denominação.

Boa parte dos integrantes desse "setor urbano" entrevistados por mim não moram em Atafona, apesar de terem morado por algum período no passado ou de passar boa parte do tempo por lá. Como eles se afastam, no entanto, da cosmologia da pesca, julguei interessante, pelo contraste que os relatos poderiam produzir, conversar com eles sobre suas impressões acerca da experiência de trabalhar ou simplesmente estar em Atafona.

Essas entrevistas foram marcadas por um jogo de contraposições entre morar em Atafona e suas opiniões acerca da vida em outros lugares. Uma dessas contraposições, talvez estimulada pelo meu sotaque e pela curiosidade sobre minha origem, dizia respeito à vida na região metropolitana do Rio de Janeiro. As menções aos problemas da metrópole carioca eram constantes, sobretudo a violência e a "agitação". Frente a elas, exaltava-se a tranquilidade e a segurança que predominavam em São João da Barra, bem como o predomínio de relações de cunho pessoal, o que por sua vez remonta a uma conhecida oposição entre a vida e os padrões de sociabilidade das cidades pequenas e das cidades grandes.¹⁷

Outra dessas contraposições ajuda a compreender a preferência que determinados grupos manifestavam em relação à Atafona frente a outro balneário próximo. Para uma das funcionárias da maior pousada de Atafona, e que viveu por lá dos nove aos vinte e dois anos, o Farol de São Tomé, em Campos, "é horrível". Esse tipo de comentário encontrava sua base não nas características da praia em si, mas sim nos seus usos sociais e no perfil de frequentação a ela associada. O Farol, de modo recorrente, em comparação com Atafona, era visto como uma área de lazer de baixo status social, algo indicado pelo uso de expressões pejorativas usadas para se referir aos seus frequentadores: "peãozada", "farofada", "favelada".

O mesmo foi dito acerca de uma praia sanjoanense vizinha, a de Grussaí. Segundo outro informante, de 60 anos, dono de uma loja de objetos de decoração, na década de 50 o movimento era muito maior, "não dava nem para andar em Atafona, a praia era lotada" Mas naquele período, a frequentação era composta por pessoas da "alta sociedade – juiz disso, desembargador daquilo, doutor não dei das quantas..." Para Grussaí, por outro lado, direcionavam-se os caminhões com a "peãozada". Assim a atratividade que Atafona exerceu e

¹⁷ PRADO, R. M. Cidade Pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. In: Cadernos de Antropologia e Imagem, n°04. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1997.

ainda exerce não se relaciona somente às qualidades ambientais, mas também aos valores que se associam ao balneário, que pontuam sua representação como uma região de elevado status social.

À medida que avançavam minhas caminhadas, relacionadas tanto ao reconhecimento do local, à realização das entrevistas e às necessidades de cunho prático, como a alimentação e retorno para a pousada, pude perceber diferenças significativas nas formas e no conteúdo social das áreas por onde passava. A concentração dos pescadores em três ruas próximas ao pontal arenoso revelou-se uma posição bastante providencial: a partir desse pequeno fragmento do tecido urbano chegava-se ao rio e ao mar, bem como se tinha acesso a um conjunto de serviços ligados à pesca, o que tornava essa concentração estratégica — bares, frigoríficos e uma pequena oficina de reparo de barcos.

Por outro lado, e mesmo reconhecendo a prioridade que dei à pesquisa junto aos pescadores, seria impossível deixar de reconhecer o papel relativamente periférico que eles possuíam. No tecido urbano de Atafona nota-se a presença dominante de casas de veranistas, que diferem da dos pescadores não só por suas formas (elas são na maioria dos casos maiores e ajardinadas, como na imagem 07), mas também por seus ritmos e usos.

O principal indicativo dessa variação da dinâmica urbana era sentida nos finais de semana, quando a movimentação aumentava sensivelmente. Já a partir das sextas-feiras notei um aumento da passagem de carros e vi as casas fechadas voltarem à vida. O comércio, a praia, os restaurantes, as pousadas agitavam-se com o fluxo de visitantes. Era fácil notar também que muito do ordenamento urbano de Atafona fora pensado como suporte para essa visitação. A construção de grandes avenidas para a circulação de carros (que aliás em muitos pontos reservam pouco espaço para os pedestres), o plantio de árvores, a construção de praças e de píeres são elementos que reforçam o direcionamento para a atividade turística.



Imagem 07 - Exemplo do estilo de residências de veranistas no Pontal

Essa pouca expressividade das casas dos pescadores no tecido urbano possui relação com o processo erosivo: as casas construídas para abrigar os atingidos pelo avanço do mar se localizam nas localidades que vieram a constituir a Vila Esperança, mais afastada do pontal e no caminho que conduz à sede do município. Como muitos dos moradores desses dois últimos bairros moraram ou no pontal ou na ilha da Convivência, pode-se pensar que a presença dos pescadores no passado fosse muito mais expressiva.

Apesar de ter vivenciado experiências em ambas as faces urbanas de Atafona e de ter vislumbrado suas composições e usos sociais bastantes distintos, não há como negar-lhes certos traço de união, relacionados ao ambiente local. Tanto os veranistas/turistas provenientes de outras áreas como os pescadores e moradores de Atafona revelaram uma consciência vívida sobre o peso dessas condições ambientais em suas vidas, embora isso ocorra pela mediação de visões de mundo bastante distintas. O clima, o rio, o mar e as praias puseram em contato estratos sociais diferenciados: os valores que os ligam à Atafona não são, entretanto, os mesmos.

Boa parte dos locais ligados à intervenção ou planejamento urbano em Atafona, e que representam um esforço do poder público em promover a valorização do turismo, não eram frequentados pelos pescadores. Poucas vezes os vi presentes nessas áreas e em geral estavam de passagem quando os via. Pelo contato que mantive, foi possível perceber uma vinculação forte com as três ruas próximas ao pontal, área denominada por eles de "Baixada", o que em parte ajuda a explicar sua presença pouca expressiva em outros espaços urbanos de Atafona. A área é, efetivamente, mais baixa e os moradores mais antigos relataram já tê-la visto "debaixo d'água", o que sugere que ela é sujeita a inundações.

Segundo relato de Arnaldo, pescador de 55 anos e morador de Atafona a 22:

"quando cheguei, aqui era água. O mar vinha até aqui [sua casa ficava próxima à margem do rio, a aproximadamente 10 metros seguindo a rua]. O mar é que foi secando, foram aterrando e fazendo casa. Era lama pura, mangue. Aqui tudo é mangue aterrado, invasão.".

O conhecimento sobre o processo de ocupação da baixada e alguns momentos inverte a retórica da ambientalização presente nas reportagens. Se neles o mar é o símbolo de uma natureza revolta, aqui são os próprios moradores que se veem como invasores. Isso ajuda a compreender a reação diferente que os pescadores apresentavam diante do processo erosivo, pois para eles as variações da força do mar fazem parte de uma dinâmica que conhecem há muito tempo. Desde a ocupação da Baixada, os moradores mais antigos possuem consciência de sujeição da área à erosão, e isso faz deles os verdadeiros invasores, não o mar ou o rio.

Essa concentração das moradias dos pescadores na Baixada remete a uma temporalidade específica. O tempo da pesca é regrado pelas variações climáticas e, por extensão, pelo ambiente como um todo. A pesca artesanal, na forma como ela ali se configura, não se presta a muita previsibilidade. Estar em terra firme ou partir para o mar depende em essência das condições do vento e da ocorrência ou não de chuva. Além da habilidade em saber identificar essas condições favoráveis para a navegação, existe a necessidade de

contrapor esse tempo mais eventual com outro mais geral, relacionado ao calendário da pesca, que discrimina as épocas mais adequadas para a pesca de cada tipo de peixe e marisco, além dos períodos de defeso.

Morar próximo ao mar facilita partir quando as condições são favoráveis e, ao retornar, os pescadores não encontram dificuldades para descarregar o pescado e cuidar da embarcação. Soma-se a isso o fato de na Baixada se localizarem algumas atividades de apoio à pesca, como um frigorífico (que não só armazena e proporciona transporte para o pescado mas também fornece o importante suprimento de gelo para conservar o peixe em alto-mar), uma oficina de barcos e pequenos mercados de peixe e bares, que compram parte da produção.

Para além, no entanto, desses vínculos práticos e de caráter logístico, muitos discursos denotaram a presença de outro tipo de vínculo à Baixada, que se imbrica com o primeiro. Era como se diante da constituição de suas identidades enquanto pescadores fosse necessária uma adequada espacialidade, da qual fazia parte o posicionamento estratégico da Baixada, mas também vínculos de cunho afetivo.

Ao falarem das condições de vida locais, muita ênfase encontrei na aprazibilidade do clima, no vento fresco, em morar em um lugar onde não se sofre com o calor. A ideia de mudar de endereço e deixar a Baixada soava absurda, como se suas próprias maneiras de viver se vissem comprometidas perante o deslocamento. Inúmeras vezes a Baixada foi descrita como o "lugar onde o pescador tem que viver". Mesmo quando encontrava pessoas que haviam perdido ao menos uma casa por conta da erosão a resposta era enfática: "e pescador tem que morar aonde? Perto da água!". O relato que parece sintetizar de forma mais cabal essa dupla vinculação dos pescadores à Baixada, uma vinculação simultaneamente de

caráter prático e afetivo-simbólico, foi fornecido por um pescador de 50 anos e morador de Atafona há 36:

Antonio: "Pescador tem que viver perto da água. Não tem esse caranguejo aí do mangue? Se você tira um do meio da lama e se coloca na areia limpinha ele morre. Porque gosta de viver lá. Só consegue viver lá. Com o pescador acontece a mesma coisa, tem que viver perto do mar".

Diante do relato perguntei sobre a situação dos moradores de Vila Esperança, que se mantiveram ligados à pesca, mas agora estão distantes do mar, ao que Antônio respondeu, rindo:

"O pessoal da Vila fica andando aí que nem cachorro abandonado. Como soltar aquela senhora na Central do Brasil [referindo-se a uma idosa que acabara de passar]".

"Soltar" uma senhora que viveu toda a vida naquele ambiente em plena Central do Brasil pareceu ser uma figura cômica para Antonio, mas que acaba por sugerir a maneira como eles pensam em si próprios: em estreita vinculação com o Atafona.

Como aspecto positivo contava-se também a tranquilidade de um local onde todos se conhecem, longe dos problemas e violência que afeta os grandes centros urbanos. Esse é um ponto de ligação entre o discurso dos pescadores e daqueles ligados ao turismo e ao comércio. Apesar dos relatos que apontam o crescimento da ocorrência de crimes (sobretudo invasão de casas e tráfico de drogas), Atafona ainda é visto como um lugar tranquilo.

5.2 Os pescadores da "Baixada"

Conforme mencionei, os pontos privilegiados de apreciação da paisagem não são em geral frequentados pelos pescadores, e tampouco suas fotografias denotavam a apreensão do seu entorno através de "um lance de vista". Para isso sem dúvida contribui outro tipo de vínculo que os liga àquele ambiente, referente à natureza da atividade pesqueira. À medida

que o questionário passou a ser mais aberto, os próprios pescadores sugeriram através da recorrência de temas ligados à pesca o modo como sua relação com o ambiente tinha como intermediação tal atividade.

Se tais relatos realmente indicavam um distanciamento da mediância dos pescadores daquilo que poderia ser chamado de uma cultura paisagística, o predomínio das menções à pesca sugeriam a centralidade dessa prática no modo como organizavam e representavam sua relação com o ambiente.

Foi nesse sentido que considerei proveitosos os relatos sobre a pesca. Eles forneciam indicações sobre os traços mais característicos da mediância dos pesquisadores, o que torna oportuna uma sistematização dos dados de campo a respeito dela.

Uma primeira observação importante é que os pescadores sempre se apresentavam enquanto tal, como se a atividade à qual se dedicavam fosse o traço mais distintivo de suas identidades e não raro eles denotavam um orgulho profundo em fazê-lo. Isso ficava aparente pela insistência em ressaltar como suas origens familiares remetiam ao mundo da pesca e como, ao mesmo tempo, a atividade seria continuada pelos seus descendentes.

A participação masculina era dominante e mesmo nos estilos que ocorriam mais próximo à costa, e que exigiam menos esforço físico e representava menos riscos, não havia participação das mulheres. A questão é que mesmo não havendo essa participação direta, ao se verem envolvidas em atividade de apoio à pesca ou que se aproximavam de alguma forma dessa atividade, as mulheres se apresentavam como pescadoras. Esse era o caso das "marisqueiras", e das mulheres que realizavam o remendo de rede. A condição de "esposa de pescador" também as aproximava do universo da pesca, uma vez que elas compartilhavam do ritmo da atividade através das sucessivas ausências dos maridos em virtude das temporadas de pesca mais intensa.

Igualmente, a maioria dos entrevistados mais velhos que possuíam filhos relatou a continuidade da pesca através das gerações, e encontrei muitos casos em que todos os integrantes da família eram pescadores. Nesse ponto parece haver os indícios de uma mudança. A primeira já foi indicada anteriormente, relacionada à incorporação de novos hábitos de consumo, que por vezes tornava difícil a diferenciação dos pescadores mais jovens dos turistas que frequentavam a praia. Outra mudança importante relaciona-se ao modo com os pescadores mais jovens são vistos pelos mais velhos. O trabalho é comumente organizado no sistema denominado de "parceria", no qual os pescadores trabalham nos barcos de terceiros e dividem o pescado entre si de acordo com uma hierarquia.

P.: Todo mundo tem barco?

Jairo: "Quem não tem trabalha de camarada. O peixe é divido em quinhão[em partes]. [A quantidade dos quinhões] Depende do peixe pego. O Mestre é o pescador mais experiente. Às vezes ele pode ser o dono do barco, mas não é sempre. Fica com duas partes. O Camarada é menos experiente. Fica com uma parte só. As outras partes ficam com o dono do barco."

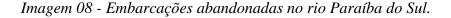
Em que pese o fator experiência na definição dessa hierarquia, existem aspectos relacionados também ao relacionamento entre os "camaradas", que geralmente são escolhidos entre amigos ou familiares. Por conta dos riscos que envolvem a navegação e das fortes exigências físicas que a pesca impõe ao corpo, a escolha dos "camaradas" sempre leva em conta características de personalidade: coragem, disposição para o trabalho, companheirismo, solidariedade. Quanto a isso foram numerosos os relatos sobre uma descaracterização de uma ética do trabalho por parte dos pescadores mais jovens. Tidos pelos mais velhos muitas vezes como preguiçosos ou inabilidosos, era comum eles serem referidos de forma negativa ao passar pelas ruas:

Gerson: "Agora é muito difícil encontrar pescador bom pra fazer parceria. Agora só vai lambão, gente sem compromisso." (62 anos. Nasceu em Gargaú, morou no Pessanha, Convivência e há 35 anos em Atafona).

O mesmo tipo de discurso encontrei em Vila Esperança:

Rosa: "Olha esses aí [referindo-se ao trio de jovens que acabara de passar, segundo ela, todos pescadores], passando essa hora por aqui...Já perdeu o vento, não vai conseguir sair com o barco não. Se quisesse pescar mesmo, tava de pé antes do sol nascer. Tem que tá perto da água, se não só perde o dia."

As críticas dos pescadores mais velhos é interessante pois, ao fazer do trabalho nas pescarias um parâmetro para julgamentos morais, os relatos acabavam por confirmar a centralidade da pesca em suas visões de mundo. O peso moral possuído pelo trabalho ligado à pesca também pôde ser notado quanto ao caso do abando de um barco próximo à margem do rio Paraíba do Sul, a alguns metros de sua desembocadura (imagem 08).





Através do relato de Jairo, marceneiro que realiza reparos de barcos próximo ao rio e que mora na "Baixada", pude perceber que à valorização do trabalho corresponde uma forte reprovação a qualquer comportamento ou atitude que afaste os pescadores de sua realização. Nesse caso especificamente, ao comentar sobre a embarcação abandonada e quase submersa:

Jairo: "O dono deve ter seguro, dinheiro, deve ter outros barcos. O pessoal fica revoltado. Tanta gente querendo trabalhar e ele deixa o barco aí afundando. Ao invés de vender barato ou parcelar."

P. Mas o barco ainda serve?

Jairo: "Tem salvação sim. Dá pra consertar. Agora só não pode deixar muito tempo aí na água desse jeito.".

A reação acerca do abandono do barco se relaciona a uma certa ética de trabalho: deixa-lo naquele estado era considerado um desrespeito junto aos pescadores. Enquanto eles não parecem se queixar da distribuição desigual dos quinhões entre camaradas, mestres e donos de barco (vista como justa), houve queixas nesse caso do barco, pois se tratava de um recurso não utilizado por conta de um suposto descuido, egoísmo ou "falta de consideração".

Outros acontecimentos que denotavam um afastamento do mundo do trabalho eram alvos igualmente de uma representação negativa. Era o caso dos pescadores envolvidos com bebida ou que , segundo os padrões locais, frequentavam em demasia bares ou festas. Aqui temos um ponto de semelhança em relação aos padrões morais observados por Gustavo da Costa nos pescadores no povoado de Aventureiro, na Ilha Grande:

Neste período as famílias do Aventureiro passaram a viver sob uma racionalidade econômica e de uma ética peculiar ao universo dos pescadores que lida com a incerteza salarial, com o risco de vida, com a distância, com a sazonalidade da atividade, por exemplo [...]. A poupança, o ascetismo econômico e o controle dos gastos prioritários são condições para a sobrevivência das famílias dos pescadores e assim, a bebida, o desemprego e a desonra são as ameaças constantes para o chefe de família que provê seu sustento. (COSTA, 2008, p.54).

Os traços da racionalidade econômica da pesca penetravam no modo como se organizam as relações interpessoais. "Ser bom pescador", "trabalhar bem" eram expressões utilizadas para demonstrar aprovação e constituíam a maior demonstração de respeito que um pescador prestava ao falar sobre os outros.

Tais julgamentos baseados no trabalho eram feitos tanto em relação a vizinhos, parentes e amigos como também quanto à autorepresentação dos pescadores. A recorrência da evocação do mundo do trabalho na forma como os pescadores julgavam a si próprios acabou rendendo a impressão de que eles se esforçavam em produzir uma imagem positiva de si próprios diante de mim. Em uma das minhas primeiras idas a campo, ainda durante a graduação, pude perceber que as memórias construídas durante a pescaria eram relatadas como experiências marcantes e os eventos vividos durante a pesca comumente narrados com nítido orgulho e como forma de distinção.

O trabalho pesado, as tempestades, o companheirismo (bem como eventuais conflitos) eram descritos frequentemente, e até o próprio corpo dos pescadores eram utilizados como testemunho dessas experiências. Um deles, na faixa dos quarenta anos, estendeu suas mãos e as comparou com as minhas: "Olha aí, você tem mão de príncipe. Isso aqui é que é mão de pescador." Começou a partir daí a narrar os eventos associados a cada cicatriz: quando ela fora feita, em que tipo de pescaria, qual tipo de peixe, de rede e com quem pescava na época.

Os indivíduos que entrevistei no início me apresentaram um mundo regido pelo trabalho, força e pela coragem do pescador. Isso me alertou para a necessidade de mudar o perfil dos entrevistados, de modo a contrapor sujeitos que ocupassem posições sociais distintas. Como alerta Berreman (1962), os informantes podem assumir uma postura defensiva, na tentativa de manter a imagem que desejam projetar no contexto social onde vivem. Isso pode ser percebido em Atafona na postura de alguns informantes quanto a temas sensíveis, como o consumo de drogas e a violência, que praticamente não foram comentados entre os pescadores, mas que outros informantes e mesmo pessoas ligadas à pesca associavam a eles.

Tais tramas surgiram ainda nas entrevistas com os integrantes do setor urbano de Atafona, que não possuíam qualquer ligação com a pesca. No imaginário deles, parte da violência em Atafona, que segundo seus relatos vinha crescendo, estava associada ao consumo de drogas pelos pescadores. Por não disporem de condições financeiras plenas para custearem seus próprios vícios, eles apelariam para a realização de delitos, como roubo e invasão de casas.

Junto a essa representação negativa, ocorria também a estigmatização do local de moradia. Toda a região referida pelos pescadores como "Baixada" eram conhecida por comerciantes e veranistas como "Favela do Sapo". E ao utilizar essa denominação, toda a carga semântica negativa que comumente se associa às favelas recaía sobre a Baixada, inclusive sua suposta vinculação ao consumo de drogas e a violência. Temendo me ver associado a uma forma de pensar que demonstrasse o julgamento subjacente a cada denominação, evitava ambas expressões, descrevendo a localização da Baixada/Favela do Sapo ao invés de utilizar esses nomes, pelo menos até ter mais segurança sobre as ocasiões certas para usar cada um deles.

O procedimento foi particularmente importante entre os pescadores, pois, como me revelou mais tarde as entrevistas em Vila Esperança, referir-se à "Favela do Sapo" seria considerado ofensivo por eles, e de fato nunca os vi usando ou mencionando tal expressão. Essa espécie de conflito toponímico foi importante por me mostrar como pesava sobre o universo da pesca um discurso negativo, a respeito do qual eles não concordavam, mas que certamente conheciam.

Para mim, muito dos relatos passaram a assumir a partir daí o papel de um contradiscurso, uma forma de se distanciar das representações negativas que lhes pesavam.

Foi preciso que tivesse a chance de mudar o perfil dos entrevistados para que versões diferentes sobre o mundo da pesca pudessem se desvelar.

As melhores oportunidades que tive para realizar essa mudança de perfil ocorreram em Vila Esperança, como será relatado adiante. No entanto, o encontro com um informante ainda no Pontal foi importante no sentido de me fornecer uma perspectiva distinta do discurso predominante entre os pescadores.

Na segunda semana de campo vivenciei uma situação que inicialmente não imaginava poder acarretar qualquer dificuldade de pesquisa. O vento, constante durante minha estadia até então, diminuíra de intensidade de maneira brusca durante a noite. Houve um forte calor no dia seguinte, embora esse fosse o menor dos problemas. Após ter dificuldades para encontrar novamente os pescadores na "Baixada", aprendi que esses períodos de "calmaria", como eles os chamam, significavam melhores condições para deixar a costa. As mudanças de tempo, como bem percebi naquele momento, ajudavam a compor o ritmo da atividade pesqueira: àquela altura do dia, mesmo ainda sendo cedo, a maioria dos pescadores já havia partido, aproveitando a "calmaria" para avançar em direção ao mar.

Apesar da tensão inicial, por ver frustrada a ampliação do universo de informantes, a calmaria teve um efeito positivo, pois assim pude conversar mais extensamente com os pescadores que por algum motivo não puderam sair e dentre eles encontrei Marcos, um pescador de 30 anos que veio a assumir importância na pesquisa enquanto permaneci no Pontal.

À época Marcos se encontrava afastado da pesca devido a problemas de saúde e ao cansaço que revelava sentir. Além disso, pesava também em sua decisão de afastamento seu ingresso na Assembleia de Deus, dois anos antes, embora tivesse intenção de retornar para a atividade.

A incorporação de valores religiosos mudou sua atitude perante a pesca: ao afastar-se dela sugeriu sua intenção de afastar-se de certas companhias, associadas ao que chamava de "vida mundana" ¹⁸. Isso conferia a Marcos um papel discordante naquele contexto social, sobretudo em relação aos homens. Durante as entrevistas com os outros pescadores, assuntos relacionados à bebida nunca eram mencionados. Achei curioso, no entanto, que o abandono de antigos hábitos por Marcos, dentre os quais se encontrava à própria bebida, acabasse conduzindo-o a um certo isolamento.

Ele relatava que desde seu ingresso na Assembleia de Deus acabava por afastar-se de alguns amigos e conhecidos, em parte pela incompatibilidade entre as condutas sugeridas pela sua congregação e aquelas praticadas por seus antigos companheiros. Sua insistência em falar sobre assuntos relacionados à Igreja e a intenção subjacente a essa fala, a de convencer às pessoas a sua volta da legitimidade desses valores, redundava em uma posição conflitiva com os outros pescadores, como bem demonstraram alguns episódios nos quais estive presente. ¹⁹

Com o tempo passei a crer que havia um interesse nessa situação conflitiva entre Marcos e o restante dos pescadores, pois ela ajudava a lhe conferir um papel privilegiado de observador, justo por não estar tão comprometido em erigir uma imagem positiva do grupo. Além disso, tinha a impressão de que a própria estrutura discursiva utilizada por alguns integrantes das igrejas, marcada pela realização de "testemunhos", para em seguida relatar como Deus teria operado uma transformação em suas vidas, estimulava-o a utilizar o mesmo

¹⁸ Como será discutido mais à frente, a pesca se desenvolve em Atafona sob muitos estilos diferentes. Embora não empreenda uma descrição detalhada de cada tipo, procurarei enfatizar como os estilos acabam por se configurar também como padrões de sociabilidade distintos, que fazem com que eles sejam desenvolvidos nessa imbricação do econômico e das relações sociais e afetivas

Pelo que pude perceber, a insistência de Marcos em falar sobre assuntos de sua Igreja incomodava aos outros já há algum tempo, e minha presença e as entrevistas só vieram intensificar esse incômodo. O auge veio quando, em uma tentativa não muito amigável de fazer uma piada, um vizinho fez o sinal da cruz usando dois facões, e passou algum tempo mirando-a em nossa direção. No momento tentei seguir a reação de Marcos, que se esforçou em ignorá-lo.

encadeamento retórico nas conversas comigo. A questão é que essa estruturação das conversas foi útil aos objetivos da entrevista, pois ele aplica esse discurso não somente a si, mas também a outros, que segundo seus valores religiosos levavam uma vida mundana, e que aguardariam por terem seus caminhos "iluminados" futuramente. Nesse exercício ele revelava a mim detalhes importantes omitidos pelos interlocutores aparentemente comprometidos com a elaboração de uma autoimagem positiva.

Marcos em muitos momentos confirmou a centralidade da pesca, sobretudo quanto ao uso de uma ética de trabalho no julgamento de si e dos outros. Nessas ocasiões ele relatava com orgulho as experiências vivenciadas no mar. Esse tipo de narrativa era bastante recorrente: uma forma de demonstrar valor era através da afirmação de perícia e de coragem no enfrentamento de situações difíceis em alto-mar. Uma vez mais as próprias marcas deixadas no corpo pelos anos de dedicação à pesca tornaram-se elementos da narrativa. Marcos insistiu para que eu olhasse uma cicatriz feita em sua mão por um bagre, que se movera com violência ao ser içado da água.

Marcos: "Olha essa marca, tá vendo? Aqui o bagre me furou e atingiu o nervo. Meu braço ficou morto na hora. Não conseguia mexer.".

Ele também falava do esforço físico exigido pela pesca:

Marcos: "Depois de ter largado a rede e pegar o peixe, todo mundo puxava de volta pro barco. Era muito peso demais. Chegava a sentir gosto de sangue na boca, de tanta força".

Seus relatos me auxiliaram a entender melhor os diferentes estilos de pesca, cujas denominações referem-se ao tipo de pescado (como na "pesca do camarão"), à área de atuação ("pesca de plataforma") ou mesmo às técnicas utilizadas ("pesca de arrasto", "minjoada").

Cada uma delas se dá em condições distintas e exigem determinadas combinações de força de trabalho, materiais e recursos para manutenção da tripulação durante as viagens. A

pesca do camarão, por exemplo, uma das mais difundidas na região, ocorre próxima à costa, pois nela se acumula o alimento procurado pelo crustáceo. As viagens são sempre curtas, o retorno ocorrendo no mesmo dia de partida e realizadas por pequenos grupos, geralmente de três pescadores.

As modalidades mais complexas exigem mais recursos, mais mão-de-obra e envolvem maiores riscos. Esse é o caso da chamada "pesca de plataforma", realizada em geral por seis pessoas, durante um período aproximado de 20 dias. A longa permanência no mar, que pode se estender para até mais de um mês quando o grupo encontra dificuldade em localizar os cardumes, torna maiores as despesas com comida e combustível. Há também o gasto com o gelo, armazenado no barco para a conservação do pescado. Tudo isso faz com que essa modalidade de pesca seja a mais arriscada, pois sempre há a chance de não se pescar o suficiente para cobrir os custos e de proporcionar uma remuneração razoável aos integrantes do grupo.

Ao justificar o fato de não se dedicar a esse tipo de pesca, Marcos revelou alguns detalhes que haviam sido omitidos pelos outros pescadores, e que mais tarde foram confrontados junto a outros informantes. Pelo rigor das suas condições, a pesca de plataforma era a mais estressante: a atividade é muito extenuante, conduz a um isolamento prolongado em relação aos familiares e apresenta, conforme mencionado, grandes riscos tanto pelos altos investimentos requeridos quanto pela navegação em si.

Marcos revela que a maneira como alguns pescadores lidam com esses fatores estressantes passa comumente pelo consumo de drogas em alto-mar. Esse teria sido um dos motivos do seu desejo de não se envolver na atividade, sobretudo após sua vinculação à Assembleia de Deus. Outros relatos, coletados sobretudo entre mulheres em Vila Esperança, confirmam essa prática, comentada sempre com bastante discrição e incômodo. Era nítido o

desconforto quando o assunto surgia, e tentava-se desviar o tema, mesmo quando manifestava interesse em saber mais.

Avançar para alto-mar na pesca de plataforma sugeria uma espécie de limite, tanto por ser a pesca mais avançada em relação à costa, mas também por ser aquela que mais exigia do pescador, em termos físicos e emocionais. Os pescadores mais comprometidos com a elaboração de uma imagem positiva do grupo ressaltavam as características desse tipo de pesca e complementavam seus relatos com histórias sobre as tempestades, naufrágios e resgates ocorridos em tempos passados. Era uma espécie de narrativa épica, a relação dos pescadores contra o mar e da maneira como se apoiavam mutuamente através de laços de solidariedade.

Obtive relatos, entretanto, sobre como a pesca de plataforma mostrava um outro lado, sobre como essa modalidade de pesca prejudica a saúde dos pescadores e remetia às reprovações morais que recaem sobre aqueles que se utilizam das drogas durante a pesca. Enfrentei muita dificuldade em retomar esse assunto. Por maior que tenha tido essa dificuldade, o que se pode reter dela é a discordância entre uma narrativa que enaltece os feitos dos pescadores e de outra que ressalta o lado obscuro dessas realizações.

A pesca de plataforma possui essa leitura dúbia: a de ser apresentada ao mesmo tempo como uma prática que requer coragem e perícia ("Não é qualquer uma que aguenta não. Já vi muito homem chorando no barco com medo de tempestade"), mas que ao mesmo tempo poder significar a vinculação a uma prática alvo de forte reprovação, o consumo de drogas ("O cara volta acabado, envelhece rápido. Um homem de 20 anos fica como se tivesse 40".). Tal ambiguidade, no entanto, apresenta um traço de coerência, pois reforça a eleição da pesca como elemento central do julgamento moral entre os pescadores. Tanto pelo viés do elogio quanto pelo da reprovação, o elemento do trabalho na pesca é o parâmetro primordial, que

define de fato quem eles são. Isso sugeria uma ideia de imbricação entre a pessoa e a pesca: o que eles eram estava relacionado ao *que* faziam e ao *como* faziam.

A importância da pesca também pode ser vista no peso outorgado aos conhecimentos empíricos sobre alguns dos elementos ambientais de Atafona. Se de fato podemos acreditar que os pescadores se definiam pelo que eles faziam, é necessário ressaltar que o que eles faziam se dava sobre uma base geográfica. Suas práticas e o conhecimento acumulado sobre elas constituem um aspecto importante de suas visões de mundo e tocam mais precisamente nos modos como conferiam sentido à sua experiência com o ambiente.

5.2.1 A Mediância dos Pescadores

O uso da pesca como parâmetro social entre dos pescadores entre si me ajudou a entender a centralidade que a atividade possuía em sua visão de mundo. Suas relações familiares e de amizade, a definição dos "camaradas", os laços de solidariedade que se estabeleciam no enfrentamento de problemas em comum: todas essas dimensões tinham como base a vinculação com a pesca.

A partir daí foi possível explicar parte do distanciamento dos pescadores em relação a uma mediância marcada por uma consciência de paisagem, notado já durante as primeiras investidas em campo. As características essenciais de uma "cultura paisagística" foram detalhadas por Soudière (1991):

sensibilité aux qualités et aux valeurs formelles de l'espace, des territoires, de l'habitat; familiarité avec une lecture de l'espace qui pivilégie formes, volumes, perspectives, couleurs, lignes de fuite, composition des éléments visuels. (SOUDIÈRE, 1991, p.141)

A formação de uma "cultura paisagística" parece remeter a um certo *distanciamento*, uma vez que o ambiente que nos circunda passa a ser lido através de um prisma perceptivo composto por aqueles elementos abstratos aludidos por Soudière: formas, volumes, perspectiva, cores. Mesmo sem conhecer, mesmo não havendo um envolvimento real entre nós e o ambiente, a sua leitura de acordo com esses parâmetros familiares criam uma ordem no caos: somos estranhos, mas estamos diante de uma paisagem. E por mais que em certos casos não conheçamos os ambientes (como diante da imensa quantidade de imagens de lugares distantes que nos chegam todos os dias), eles, representados enquanto paisagens, são como que dados sensíveis ordenados por uma linguagem familiar, característica da cultura paisagística.

Esse modo de leitura não foi observado entre os pescadores. Sua mediância não deu sinais de ser guiada por aqueles parâmetros abstratos. Pelo contrário, a relação com ambiente, tanto prática quanto simbólica, tomava do universo da pesca os seus modos de conferir sentido e orientar a percepção. Esse reconhecimento é importante, pois pode render algum avanço no entendimento que tentamos produzir sobre outras formas de conferir sentido ao ambiente.

A mediância dos pescadores me pareceu bastante semelhante àquela descrita também por Soudière, a respeito de um grupo de camponeses junto aos quais realizou sua pesquisa:

"de cette beauté [da paisagem], ils [os camponeses] ne me parlaient jamais, ne décrivant leurs terroirs ou leur région qu'en référence à leurs activités, travaux, déplacements, etc." (SOUDIÈRE, 1991, p.148)

De forma semelhante, assim como os pescadores falavam de si e dos outros em referência constante à pesca, eles descreviam sua relação com o ambiente com a mesma ancoragem em tal atividade. O conjunto de elementos distintos que em uma leitura

"paisagística" de mundo podem compor um conjunto, um todo unificado pelo modo como ordenamos nossa experiência sensível, se decompõe, junto aos pescadores, nos personagens que animam sua mediância.

O seu código de leitura e interpretação do ambiente não se autonomiza de sua experiência direta: o valor do vento, do rio, do mar e de todos os elementos centrais de sua mediância é definido em relação à sua condição enquanto pescadores. Nos subtópicos a seguir, procurei elencar os principais aspectos da mediância dos pescadores, ao mesmo tempo procurando destacar em quais sentidos ela se distancia dos elementos associados a uma cultura paisagística. A intenção é de, pelo contraste, elucidar melhor as características de cada mediância.

5.2.2 O Elemento Líquido: entre o rio e o mar

Tratando-se de uma atividade que consiste no aproveitamento de um recurso natural, a pesca depende de um conjunto de conhecimentos acumulados acerca dos fatores ecológicos e fisiográficos que influenciam sua execução, tais como a sazonalidade caraterística de cada tipo de pescado, a zona de ocorrência de cada um, fatores climáticos e navegabilidade, tanto no rio quanto no mar. Além do papel prático desses conhecimentos, sobre a qual repousa a sobrevivência dos pescadores, as entrevistas denotaram o seu valor subjetivo.

À medida que uma forma de demonstrar seu valor enquanto pessoa é demonstrando sua habilidade enquanto pescador, o conhecimento acumulado sobre a pesca acabava sendo valorizado também nesse sentido. Os pescadores pareciam se comprazer em contar suas histórias do mar, sobre como salvaram colegas que haviam naufragado, sobre pessoas que passaram dias perdidas no mar flutuando em pedaços de madeira, ou como reagiram quando foram pegos por tempestades. Nessas histórias surgia o quadro de uma vida que eles

apresentavam como "sofrida", mas da qual sentiam orgulho. Em várias ocasiões disseram ser difícil "alguém dar valor para o trabalho do pescador" e mais de uma vez sentia que o bom andamento das entrevistas era influenciado por esse sentimento. Entrevistá-los era de certa forma uma maneira de mobilizar e valorizar aquelas memórias.

Para além desses vínculos afetivos com o mar, a experiência que os pescadores tinham dele era bastante influenciada por suas práticas. Os turistas permaneciam na costa, banhandose na praia ou confirmando a atração paisagística que Pontal parecia possui. Para os pescadores, por outro lado, o mar é mais que um cenário que se estende até o horizonte. A planície líquida do mar era dividida em inúmeras regiões delineadas a partir dos estilos de pesca.

Aludi na parte anterior sobre esses estilos: a depender do tipo de pescado, das técnicas utilizadas e do período do ano, a distribuição geográfica dos pescadores pelo mar era distinta. Para a definição dessas áreas de pesca com características bem definidas contribuía o conhecimento acerca da ecologia local. O ciclo de reprodução, migração e as áreas onde os diferentes tipos de pescado buscavam alimento deviam ser conhecidos. A esses conhecimentos deveria se somar a habilidade em identificar pontos de referência na costa, de modo a não se desviar das áreas de interesse. Um modo utilizado para a localização era o uso das palmeiras do centro de São João da Barra, valorizadas pelos pescadores não pelo valor urbanístico ou estético que assumiam no centro do município, mas sim por terem altura suficiente para serem vistas do mar, servindo assim como pontos de referência (imagem 09).



Imagem 09 - Palmeiras no centro de São João da Barra

Para ilustrar essa divisão do mar de acordo com a pesca, reproduzi através de uma fotografia um mapa mental elaborado por pesquisadores ligados à Petrobrás, em um projeto intitulado "Mosaico". Segundo William, o presidente da colônia de pescadores de Atafona, os pesquisadores acompanharam os barcos e traçaram através do uso de GPS a localização das zonas de pesca que se sobrepõe na costa sanjoanense.²⁰

Hesitei em utilizar esse documento, primeiro pelas dificuldades que encontrei em me servir de meios adequados para a sua reprodução. Não consegui fotocopiar os mapas e o CD que os continha em meio digital não foi encontrado por William, restando somente a opção de fotografá-los. Além disso, ele relatou que outra pesquisadora havia solicitado cópias e as teria entregue para pessoas ligadas ao licenciamento das obras do porto do Açu, episódio qualificado como "traição". O modo como o mapa principal foi reproduzido acima compromete a sua visualização, mas serve de registro da diversidade de estilos de pesca e a complexidade de sua distribuição bem como a maneira como esses documentos chegaram até mim, acompanhados pelos comentários de William, acabou por complementar os relatos sobre o porto, que serão tratados mais a frente.

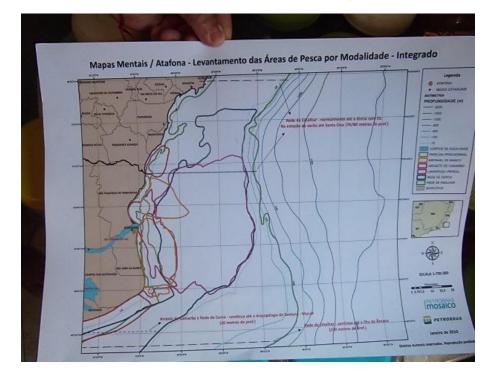


Imagem 10 - Diversidade nos estilos de pesca

Apesar do mapa contribuir para demonstrar a variedades das técnicas de pesca, não me pareceu que a linguagem cartográfica fosse utilizada pelos pescadores. Como forma de estimular a conserva, levei para campo algumas imagens de satélite e mapas da região. Elas não ajudaram muito, pois parecia haver pouco interesse sobre elas. Pela experiência, os pescadores se orientam sem a utilização de mapas.

Era através, portanto, de suas atividades de trabalho que o mar entrava como uma marca importante na mediância dos pescadores. O mar, visto da costa como uma massa indistinta de água, e cujo aproveitamento, pelos turistas, liga-se sobretudo à faixa mais próxima da costa, assumia inúmeras nuances junto aos pescadores. O fato de saírem para altomar e de circularem ao longo do litoral - sendo comum o deslocamento para o Espírito Santo e para a região dos lagos - estendia o seu horizonte.



Imagem 11 – Detalhe da imagem 10.

A legenda indica as variedades de pesca levantadas durantes as pesquisas do projeto "Mosaico".

A experiência feita do mar ia além do cenário limitado pela linha do horizonte: ele se estende pelas diferentes zonas em que se dá a atividade da pesca. Sabendo que na modalidade de pesca de plataforma, por exemplo, pode se passar três semanas no mar, tal experiência não é nada negligenciável. Os pescadores relatam que, após passar tanto tempo no mar, demoram a se acostumar novamente a terra, onde passam a se sentir enjoados e sem equilíbrio.

Ao mesmo tempo, a experiência do mar era marcada por uma concepção mais subjetiva da distância. O afastamento em relação à costa era acompanhado por uma gradação da sensação de risco e da distensão de certos valores morais, cujo clímax era a pesca de plataforma. Realizar esse tipo de pesca significava a exposição a tempestades e ao risco econômico de se envolver em uma atividade cara para os padrões locais e que não ofereciam

garantia alguma de retorno. Significava também a exposição a uma série de condições extenuantes, que conduzia muitos pescadores ao consumo de drogas, conforme relatado. Era como se certos controles morais se flexibilizassem em vistas de condições tão árduas.

O risco também era reforçado pela competição estabelecida entre as embarcações de pescadores artesanais e os "barcos de fora", grandes embarcações vindas do sul do país e que contavam, de acordo com o relato dos pescadores, como modernos recursos de navegação de localização dos cardumes, como GPS e sonar.²¹ Os pescadores de Atafona sentiam-se embrenhados em uma disputa desigual, uma vez que possuíam consciência da superioridade técnica das embarcações maiores e do prejuízo em termos da quantidade de peixe disponível na região, que estaria decaindo, dentre outros fatores, por causa da atuação dos "barcos de fora". ²²

Os mesmos esquemas de percepção atravessados pela experiência da pesca se faziam perceber quanto ao rio. Na época em que realizei o trabalho de campo, em janeiro de 2011, o estado do Rio de Janeiro fora assolado por fortes chuvas que provocaram inúmeras mortes e danos à infraestrutura, sobretudo na região serrana. A "Baixada" era uma área sujeita a enchentes, e alguns de seus moradores chegaram a relatar terem-na visto alagada antes da realização dos aterros. O elevado nível com que se encontrava o rio Paraíba, não causava qualquer temor juntos aos pescadores, apesar da recorrência de um discurso de "catástrofe" na leitura desses acontecimentos, ligado à própria cobertura da mídia.

²¹ A sensação de risco também foi reforçada nos últimos anos por conta do aumento da movimentação de embarcações ligadas à construção do porto do Açu, tratada mais adiante.

²² Vários fatores foram enumerados para explicar diminuição do pescado. Há, no entanto, uma discordância sobre a própria ocorrência desse decréscimo. Ao consultar as notas de campo percebia que em geral os pescadores que se encontravam afastados da pesca eram os que mais frequentemente negava a diminuição. De todo modo, nenhum pescador relatou passar por dificuldades financeiras. No máximo reclamavam que, apesar de não terem dificuldades para manter suas famílias, era difícil adquirir novos bens.

O motivo para essa postura parece residir em seu conhecimento sobre o rio e sua interação com o mar. Eles repetiram várias vezes que o "mar tava aceitando", o que significava um bom escoamento da água. A desembocadura do Paraíba teria essa vantagem em relação às outras: ela apresentava diversas "saídas", e sua barra (ou "boca") nunca

fechava, o que proporcionava esse bom escoamento.

à comercialização do pescado estabelecidos no Pontal.

Essas características faziam de Atafona um ponto de apoio à pesca melhor do que regiões vizinhas. Além das potencialidades de seu sítio servir como porto natural, pesavam a aprazibilidade do clima, bastante enfatizada por todos, os laços desenvolvidos entre os pescadores (dos quais dependiam a formação das "parcerias") e os serviços de apoio à pesca e

No passado mais do que nos tempos atuais, a vegetação das ilhas também desempenhava papel importante na economia local, principalmente no suprimento de madeira, usada como combustível, e para a exploração de fibras vegetais para ao artesanato. Somadas a elas, tem-se uma atividade que existe ainda hoje: a coleta do caranguejo. Apesar do inegável protagonismo da atividade pesqueira, essas atividades relacionadas aos mangues e às ilhas adquiriam relevo sobretudo pela utilização comum dos recursos e pelo seu uso como reserva alimentar e fonte alternativa de renda em momentos de poucos rendimentos na pesca.

Em outros momentos os pescadores revelavam um conhecimento sobre uma fisiologia do rio. Tinham consciência da inter-relação de fenômenos associada à bacia hidrográfica:

Santana: "Tem chovido bastante."

P. Nem isso faz o rio subir?

Santana: "Desce muita água de Minas, de Muriaé. Mas o mar tá aceitando. A água vai embora.".

Jairo: "Muita água, vem de São Paulo, Minas Gerais...é pior no verão. A chuva traz cheia pra cá. Vem jacaré, capivara, vai parar lá na [ilha da] Convivência. Esses dia mesmo acharam um jacaré vivo ali bem na praia. Cobra jibóia..."

Os relatos denotam o conhecimento sobre o curso do rio principal e de seus afluentes, apesar deles desenvolverem pouco a prática de "subir o rio", concentrando as atividades em sua desembocadura. A atividade dos pescadores podia se estender pelo litoral fluminense e capixaba. Nas pescas de alto-mar eles se movimentavam bastante, embora no geral fosse mais comum o desenvolvimento das modalidades mais simples e que se davam mais próximas á costa, sem grandes deslocamentos. Assim, a área de atuação dos pescadores tinha como o seu coração aquilo que poderíamos chamar de ecótone - a zona de transição entre dois ecossistemas. A tríade formada pelo rio, as ilhas e o mar era a base de sua economia e relações sociais.

Sobretudo quanto aos dois primeiros elementos, houve um relato recorrente de seu declínio. Se o mesmo tipo de relato era manifestado quanto à pesca marítima, embora com divergências bem demarcadas, a crise do rio e da importância das ilhas era muito mais incisiva e alvo de poucas divergências. Sobre o rio pesariam os efeitos da poluição urbana e industrial, bem como a contaminação causada pelo uso de agrotóxicos. Todos esses processos ligados à degradação ambiental do rio teriam provocado uma diminuição significativa do pescado, o que fazia com que o rio Paraíba surgisse nos discursos como um rio "morto".

Apesar das ilhas ainda apresentarem uma densa cobertura vegetal, a importância econômica do mangue também declinou, fato relacionado principalmente à atuação de agentes do Ibama, que passaram a impor restrições à exploração da madeira e assim sobrepuseram à temporalidade tradicional da pesca o calendário dos períodos de defeso, relacionados à diferentes espécies que vivem na região. Com as mudanças no acesso e no uso dos recursos naturais, a política de conservação acarretou mudanças na percepção dos pescadores quanto ao seu ambiente.

Essas restrições faziam os pescadores se referirem à situação do rio como "rio fechado", ou seja, sem a possibilidade de realização da pesca ou da coleta do caranguejo. A maneira como eles se referem ao universo abrangido pelas intervenções do Ibama também sugerem estranhamento ou repúdio. Quando eles falavam do "negócio de defeso" ou "[d]esse pessoal aí do Ibama", denotavam certa resistência em se referir a esses aspectos da sua relação com os recursos apropriados tradicionalmente, relação que passou a ser atravessada, a contragosto, pela política de conservação. ²³As tensões são de algum modo atenuadas pois encontrei relatos que afirmam que as fiscalizações não são muito frequentes. A despeito disso, sobretudo na Vila Esperança existem casos de apreensão de barcos e de redes por conta do desrespeito às restrições impostas. Foi lá também que houve maior abertura para se falar sobre o assunto, pois as possíveis contravenções realizadas no Pontal eram omitidas: lá havia um comprometimento maior em se afirmar que todos os pescadores respeitavam as restrições, muito embora, por exemplo, tenha visto venda de caranguejo pelas ruas em plena época do defeso.

Sobre o assunto chama atenção um discurso em particular, pelo potencial crítico à política ambiental como um todo:

Serafim: "A Ilha era muito grande. Pra ir pra praia andava uns 400 metros. Muita duna de areia, salsa ["planta que espetava]. O mar avançou quando o rio perdeu força. Depois que represaram a água começou a comer. Teve muita sangria no rio [escavação de canais para irrigação ao longo do curso]. Tinha muito peixe. Maio, junho, dava muito robalo. Represaram muito o rio. Aí os cara do Ibama acha ruim tirá madeira [dos mangues], depois de tudo que fizeram com o rio." (67 anos, morou 53 anos na ilha. 14 anos em Atafona).

²³ Essas expressões lembram a mesma recusa e dificuldade de aceitação das ações dos órgãos ambientais implícitas ao "depois que entrou o Imbamba" ou ao "Imbamba e esses órgãos aí.", expressões utilizadas por moradores da Ilha Grande para referirem-se ao Ibama (PRADO, 2006). Por motivos relacionados às especificidades da atuação do órgão em Atafona, suas representações a partir dos pescadores não se travestem com a mesma intensidade do caráter conflitivo observado na Ilha Grande.

A fala demonstra o repúdio ao Ibama e sua política de gestão de recursos naturais ao mesmo tempo que questiona a efetividade de tais práticas ao contrapor a atuação local do órgão com problemas ambientais de maior magnitude.

5.2.3 Entre paisagem e pesca

A reunião de relatos sobre o mar e o rio sugerem algumas possibilidades de compreensão sobre a mediância dos pescadores e sua contraposição com uma cultura paisagística. Era comum, por exemplo, próximo às ruínas do pontal os turistas fotografarem a si próprios tendo o mar ao fundo. Essa prática era somente uma do vasto espectro de práticas que atestavam e ao mesmo tempo atualizavam as manifestações de uma cultura paisagística²⁴.

Para efeito de comparação, interessa aqui reter quais seriam os elementos constituintes dessa percepção paisagística. Berque (1995) se esforça nesse sentido ao tratar de uma prática bastante associada ao turismo. Para ele, as características distintivas do gênero de fotografia de paisagens poderiam ser resumidas pela presença de dois elementos:

Deux motifs si essentiels au paysage que, pour un peu l'on n'y ferait même pas attention: l'horizon et le premier plan. Ce sont effectivement les deux motifs qui, dans ces formes, nous font immédiatement reconnaître un paysage. Pourquoi? Parce qu'ils y instaurent la présence d'un regard – l'un qui le commence, et l'autre qui le termine. Tous deux qui le situent. Sans ce regard, sans cette mise en demeure du sujet percevant au sein de l'environnement, laquelle est en même temps structure d'appel du sujet percevant dans l'image, Il ne saurait en effet y avoir de paysage. (BERQUE, 1995, p.19)

Essa reunião dos traços essenciais a uma percepção do ambiente como paisagem facilita a sua comparação com outras mediâncias. Os visitantes tinham diante de si em Atafona uma imensa massa líquida um tanto quanto indistinta, que se estendia a perder de

²⁴ Ao falar sobre a "cultura paisagística" Soudière (1991) detalha também os meios através dos quais se alimentam as diferentes visões de paisagem (residências secundárias, férias, leituras, etc). Esse será um assunto tratado em maior detalhe no capítulo subsequente.

vista, interrompida pela linha do horizonte. Para os pescadores o mar não era uma planície homogênea: ele era dividido pelas espacializações de suas técnicas de pesca. E tampouco o limite de sua percepção se continha no horizonte: era como se sua visão pudesse se estender, pela evocação de suas vivências em alto-mar, para além dele. Os longos períodos em alto-mar e a intensidade dessa experiência fazia com que aquilo que se não podia ver, estritamente falando, a partir da costa, fosse algo tão vívido quanto aquilo que estava diante de seus olhos.

O mar para os pescadores não era um motivo paisagístico admirado pelas suas cores e pelos belos reflexos de luz produzidos pelas encrespações da superfície da água. Ele possuía uma densidade afetiva ("pescador não pode viver longe do mar") e ao mesmo tempo prática ("o mar dá, mas também tira") ao mesmo tempo, através de sua longa relação com o mar, eles aprenderam a ultrapassar a linha do horizonte através de suas memórias, como que descortinando pela sua relação com o ambiente aquilo que a curvatura da Terra pretendia lhes esconder.²⁵

O mesmo poderia ser dito em relação ao rio. Se ele era convertido em motivo paisagístico em várias fotografias, cartões postais e pinturas encontradas junto aos grupos do setor urbano (imagem 12), ele era sempre apreciado tendo a pesca como ancoragem junto aos pescadores (imagem 13). Se o Paraíba do Sul surgia como um "rio morto", isso era sempre em relação ao declínio da atividade pesqueira que lhe associada e que guiava a percepção dos pescadores sobre ele. A sua importância enquanto via de navegação singular - pois nunca se fechava - ainda é mantida. Essa via, no entanto, apresentava seus caprichos: ali onde o leito é menos profundo, ou onde fora derrubado por acidente um carregamento de pedras, cabia ao pescador a habilidade em conhecer os obstáculos e evitá-los. Esses conhecimentos entravam

²⁵ Como em Baudelaire: "E o cortejo passou a meu lado e afundou-se na atmosfera do horizonte, lá onde a superfície arredondada do planeta se esquiva à curiosidade do olhar humano" (BAUDELAIRE,1869; 2010).

com frequência na construção de uma autoimagem do pescador, que gostava de se apresentar como habilidoso na navegação.

Se eles aprenderam a romper o horizonte pela evocação de suas experiências em altomar, como se possuíssem um olhar "telescópico", eles aprenderam a transcender o puramente visível para conhecer mar e rio em profundidade: suas irregularidades, a mobilidade dos bancos de areia, as pedras que se movimentavam no fundo - como se possuíssem também um olhar "subaquático". A percepção sobre os elementos que compunham seu ambiente e a visualidade que lhe era associada os distanciavam de um olhar "paisagístico" e demarcavam a centralidade da prática da pesca em sua mediância.



Imagem 12- Interior de um dos restaurantes de Atafona.

Ao fundo note-se a pinturas de paisagens do Rio Paraíba do Sul. Na parede oposta tinha-se uma vista das ilhas e do rio, em cujas margens fora construído o estabelecimento



Imagem 13 - Uma das fotografias presentes no mural da colônia de pescadores

Quando os pescadores se serviam das fotografias para complementar seus relatos, elas eram semelhantes à reproduzida acima: fotos suas com peixes ou realizando qualquer outra atividade relacionada à pesca.

5.3 A Ilha e a "Cidade Debaixo d'Água"

Desde o início da realização do último trabalho de campo relacionado à pesquisa, meu planejamento incluía um período de entrevistas na Vila Esperança. Lá se deu a construção de casas e a doação de terrenos pelo governo do estado na época em que muito moradores do Pontal ou da Ilha da Convivência perderam suas residências devido ao avanço do processo erosivo. No decorrer das entrevistas na "Baixada", a importância dessa linha de investigação acabou por se confirmar, tendo sido sugerida pelos próprios pescadores.

Como mencionei anteriormente, tentei evitar durante o trabalho de campo sugerir nas perguntas um direcionamento muito estrito ao tema da erosão, como forma de possibilitar uma conversa mais livre sobre os elementos que compunham o universo social dos

pescadores. Além da minha participação inicial em um projeto ligado ao monitoramento da feição erosiva, havia também o fato de boa parte dos relatos da imprensa sobre Atafona serem relacionados a tal processo e ao cenário singular que ele originava. A título de exemplo, reproduzimos uma fotografia presente em uma matéria da BBC Brasil sobre Atafona.

Em muitos artigos jornalísticos ganhava relevo a destruição causada pelo processo erosivo, o que reflete na recorrência do tema das ruínas nas fotografias. Essa ênfase, quando contextualizada no conteúdo das próprias matérias e contraposta com a investigação junto aos pescadores, revela dois aspectos de uma visão particular sobre os acontecimentos: 1. A valorização das mudanças que implicam em perdas patrimoniais. Não são todas as mudanças em Atafona que redundam nesse tipo de perda ou em mudanças que possam ser apreendidas pela morfologia da paisagem. Assim, esse destaque conferido às ruínas é indicativo de uma leitura que enxerga os elementos da paisagem no seu aspecto puramente concreto e econômico, perdidos frente à força da natureza: O mar adquire vida própria e passa a ser visto como ameaça através de figuras como a perda da "briga contra o mar" ou ainda sobre as casas e ruas "engolidas pela força das ondas" 26. 2. As mudanças em Atafona, através das fotografias das ruínas, são encaixadas pelas reportagens em um contexto mais amplo de crise ambiental. As preocupações sobre o meio ambiente acabam se constituindo como base para a interpretação, tornando as marcas na paisagem os símbolos de uma natureza revolta.

Durante a pesquisa de campo a menção ao avanço do mar não era interpretada da mesma forma e sequer aparecia com a frequência que a leitura dessas matérias poderia sugerir. Esperava encontrar grupos marcados e tensos diante da iminência de uma tragédia, o que não ocorreu.

²⁶ Expressões presentes na mesma reportagem de onde foi extraída a imagem 14.



Imagem 14 – Ruínas vistas da praia.

Fonte: BBC Brasil. Disponível em http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/11/27/327335727.asp

A prefiguração da experiência em campo pela minha participação no projeto de monitoramento e pela leitura das fotos e matérias dos jornais remete ao que Aubry chama de "antecipação paisagística". Essa noção alerta sobre as representações que antecipam a nossa experiência do espaço, que passa a ser transpassada por nossas "invenções paisagísticas". O autor recomenda um afastamento do pesquisador em relação às representações gráficas, textuais e paisagísticas, no intuito de privilegiar uma abordagem sensível livre dessas antecipações²⁷. Sobre a importância desse fenômeno Aubry afirma:

Ce phénomène de l'anticipation paysagère est si important, et pas seulement pour les professionnels paysagistes, que la valeur des paysages effectivement découverts ou inventés polysensoriellement sur les lieux sera en grande

le terrain." (AUBRY, 2006, p. 28)

²⁷ "Pour le paysagiste, avant de se livrer à la reconnaissance sensible d'un terrain physique, il est méthodologiquement important de se libérer des anticipations paysagères, textuelles et graphiques. Ses démarches sensibles doivent être effectuées avant d'avoir relancé une recherche documentaire sur le territoire dont il se propose d'évaluer les potentialités paysagères. Sinon ce sont ces savoirs mobilisés qu'il retrouverait sur

partie fonction de leur confrontation avec les paysages culturellement anticipés. (AUBRY, 2006, p.28)

Essa proposta metodológica pode ser alvo de ressalvas, uma vez que podemos questionar se existe essa possibilidade do pesquisador vivenciar uma experiência sensível pura, livre de qualquer antecipação. Conforme mencionamos, a própria experiência do espaço enquanto paisagem pode ser considerada uma antecipação, no sentido de que é fruto de uma "cultura paisagística", atualizada constantemente pelas práticas sociais e formas de representação do ambiente.

A trajetória da pesquisa foi marcada por essa antecipação paisagística, cujo efeito principal foi o de superdimensionar o processo erosivo e as ruínas. Essa dificuldade, porém, ajudou a demarcar as diferenças entre as visões de mundo evocadas na interpretação desses acontecimentos. As mudanças de abordagem que surgiram a parti daí, longe de fazer com que eu abandonasse certas leituras da paisagem em Atafona, tornou-me mais consciente de sua pluralidade. Não se trata, portanto, de um esforço em promover um falso abandono dessas antecipações, mais sim de promover um avanço da consciência que se produz sobre elas, bem como uma adequada contextualização das mesmas.

Nesse sentido, as entrevistas em Vila Esperança tiveram sua relevância ampliada. As famílias afetadas de fato pelo avanço do mar não se encontravam mais no Pontal. Assim, somente em parte poderia ser dito que as antecipações paisagísticas conduziram a pesquisa para linhas de investigação pouco promissoras, pois se por um lado as entrevistas que se deram na Baixada não sugeriam um grande peso conferido ao processo erosivo, por outro lado, era necessário que esses relatos fossem contrabalançados junto aos dos moradores da Vila Esperança – dentre os quais se encontravam as famílias que foram mais duramente afetadas pelo avanço da linha d'água.

A Vila era separada por poucos minutos de caminhada do Pontal. O acesso para o bairro se dá por uma rua vicinal à estrada que conduz para o centro de São João da Barra. A vila é cortada por um córrego, ligação aquática ao rio Paraíba do Sul e daí ao mar. Do lado direito no sentido Atafona - Centro de São João da Barra, o córrego se amplia e se torna mais profundo. Às suas margens foi construída uma praça e o local funciona como um pequeno porto.

A ocupação urbana era bem diferente daquela que observei na "Baixada". Nelas, as casas possuíam quintais mais amplos e comumente arborizados. Além disso, havia a situação geográfica daquele fragmento do tecido urbano: de suas ruas era fácil chegar ao rio e ao mar, fato de grande importância para os pescadores.

Na Vila Esperança as casas eram bastante próximas uma das outras e com quintais menores. As ruas não apresentavam muitas árvores e, por conta da orientação de seu traçado, a insolação era forte a partir do final da manhã até o final da tarde. Logo de início isso representou um problema. Na Baixada os moradores permaneciam muito tempo do lado de fora de casa, pois o clima era bastante aprazível. O calor forte que fazia na vila, entretanto, fazia com que os moradores se recolhessem, assim diminuindo minhas chances de interação. Além disso, não se tratava de um local de visitação turística, portanto seus moradores não estavam tão acostumados á circulação de estranhos. Senti que minha presença chamava muito mais atenção.

Por sorte, uma ocupação familiar era praticada também por ali: o remendo de rede. Logo no primeiro dia quando iniciei as entrevistas nessa segunda frente travei contato com Rosa, 41 anos, ex-moradora da Ilha da Convivência. Ela costumava fazer os remendos na parte da manhã, justo para evitar o calor forte. O trançado era feito a partir das amarras das linhas de nylon no tronco de uma castanheira plantada em sua calçada. Semelhante ao que

ocorrera na Baixada, o remendo de rede acabava desempenhando um papel importante na sociabilidade, pois realizar os trabalhos do lado de fora punha os vizinhos e conhecidos em contato e era comum as pessoas se deterem para conversar um pouco.

A mesma castanheira que servia de base para o trançado fornecia uma das únicas sombras de toda a rua, um refresco benfazejo que poderia ser aproveitado em um dos bancos e tocos de madeira que Rosa deixava caso alguém quisesse se sentar. E as pessoas, para minha sorte, faziam isso.

A receptividade de Rosa em muito me ajudou, tanto pelo relato oferecido por ela mesma quanto pelo encaminhamento junto aos outros moradores. Após termos conversado bastante, ela passou a compreender os objetivos das entrevistas e começou a me apresentar a seus vizinhos, o que aos poucos foi ampliando o número de informantes. Após alguns dias, ela chegou a me acompanhar para outros pontos do bairro, conduzindo-me para a casa de outras pessoas que haviam morado na Baixada e na Ilha e tiveram sua mudança de domicílio imposta pela erosão.

Com esse encaminhamento foi possível uma dupla contraposição. A primeira, que esperava fazer desde o início, refere-se à dos relatos dos moradores de Vila Esperança e os da Baixada. A segunda, possibilitada pela participação da Rosa, permitiu a contraposição de experiências presentes e passadas. À medida que ela conseguia identificar e me apresentava àqueles que já haviam morado próximo ao pontal, pude não só comparar os relatos apresentados nessas duas áreas, mas também trabalhar com as comparações apresentadas por aqueles que haviam vivenciado as duas situações: morar na ilha ou no Pontal, e depois vir morar na Vila Esperança.

A respeito da primeira contraposição (Moradores de Vila Esperança X Moradores da Baixada) houve uma semelhança quanto à centralidade da atividade da pesca. A própria

presença dos barcos e do pequeno porto eram marcas da paisagem sugestivas dessa continuidade. O curso do córrego conduzia os barcos de volta para as antigas áreas de pesca, garantindo tanto a integração com o pontal, o rio e o mar, como a possibilidade prática de se manter a atividade pesqueira.

Havia, entretanto, diferenças entre ser pescador em Vila Esperança. Além de eles terem perdido o tempo aprazível que era característico tanto da Baixada quanto da Ilha, a distância a ser percorrida trazia seus inconvenientes, sobretudo quando o nível do córrego baixava e dificultava o tráfego dos barcos.

Os relatos sobre o fato de terem perdido suas casas com o avanço do mar, porém, muito por conta do tempo transcorrido desde então, não foram marcados por tensão. A postura de muitos inclusive foi permanecer o máximo de tempo possível, mesmo diante da iminência da invasão do mar. Esse foi o caso de Antônio, ex-pescador de setenta e quatro anos, vinte e cinco como morador na Vila Esperança. Ao falar sobre a Convivência, diz que por lá o "mar comeu tudo", e chegou a perder cinco casas na ilha e ainda mais três no pontal. Mesmo diante de tantas perdas, ao ser perguntado se gostava de lá responde:

Antônio: "Se pudesse, taria lá. Não gosto daqui não. Não acostumo. Gosto da pesca. Pescador tem que morar perto da praia.".

Antônio afirma ter perdido muito dinheiro com a construção das novas casas. Ele narrou um episódio vivenciado juntamente com sua esposa:

Antônio: "Chega de noite, o povo gritando do lado de fora. Pensei 'será que é ladrão?' chamaram nós pra levantar que o mar tava invadindo. Eu já tava dormindo no molhado. Areia tinha enterrado a porta. Ainda salvamo uma coisinha. No dia depois tinha areia até no teto. Era época de ressaca, subia rápido demais. Tiveram que me puxar de lá. Quando a gente se mexia entarrava na areia. Até documento levô. Não levô a mulher por sorte. Ficô enterrada. Não queria sair. No outro dia falei: 'aí, tá vendo? Ia fica enterrada ali'. Quem contava que a Convivência ia acabar daquele jeito?"

Após a experiência, sua esposa emagreceu bastante e chegou a ficar internada pelo choque provocado. Na Vila encontrei relatos semelhantes, que demonstram uma forte ligação

dos pescadores com a ilha ou com a baixada, para onde alguns moradores da ilha acabaram se dirigindo. Essa ligação só explica em parte a permanência, pois os pescadores interagiam com o processo erosivo a bastante tempo, e conheciam a irregularidade de seu ritmo. Aquilo que à primeira vista chama muito a atenção dos não habituados ao processo - como a mim mesmo - para eles era algo comum, uma caraterística da fisiologia do ambiente, algo como a subida do nível do rio na época das cheias ou as mudanças do vento.

Como sabiam que após um período de avanço haveria um novo recuo, eles preferiam ficar em suas casas. Como os avanços também variavam em intensidade, nos momentos em que a erosão foi mais forte, ocorria esse tipo de perda. O auxílio prestado pelo governo do estado na doação de terrenos e na construção de casas populares diminuiu o efeito da perda das casas. A política de habitação minimizou o impacto econômico que a construção das casas teria sobre os orçamentos familiares²⁸, porém não minimizou os efeitos do afastamento em relação ao rio e ao mar.

O principal impacto causado pela erosão na perspectiva dos pescadores parece ser atravessado pelas exigências e preferências ligadas à atividade pesqueira. Se antes o contato com a água era mais direto, se a saída para alto-mar era fácil, agora é comum os pescadores terem que carregar as redes e outros materiais para casa, pois as mesmas ficam afastadas de seus barcos. Isso ainda lhes rende a dificuldade adicional de manter os barcos sob vigia, pois segundo os próprios moradores é comum o roubo de rede ou até mesmo dos motores dos barcos durante a noite.

As descrições do processo migratório forçado pelo mar eram normalmente acompanhadas pela descrição da ilha e da vida por lá. Isso conduz à segunda contraposição

²⁸ É importante observar que as ações, no entanto, não se estenderam a todos, e mesmo hoje alguns dos antigos ilhéus continuam morando em casas alugadas, o que lhes compromete partes significativas da renda.

possibilitada pelas entrevistas em Vila Esperança. Tal como ocorrera tanto junto aos entrevistados ligados ao setor urbano quanto aos pescadores da Baixada, era comum a formação de pares de localidades em oposição às quais Atafona se definiria (Atafona X Rio; Atafona X Grussaí; Atafona X Farol de São Tomé eram os mais evocados). As entrevistas reforçaram uma contraposição delineada nas entrevistas na Baixada: a contraposição baseada no par entre a Atafona atual e a antiga Atafona. Esse par referia-se sobretudo aos efeitos da erosão.

Esse relato parece sintetizado pela expressão de alguns moradores, ao falarem de uma "Cidade debaixo d'água". Com frequência se apontava para ruas, casas e estabelecimentos comerciais que não existiam mais, e o relato sobre a ilha seguiu essa tendência:

Pedro (pescador de 55 anos de idade, nascido na Convivência): "Na Convivência tinha tudo, escola, igreja, festa, comércio. [Sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes] mas não é igual à antigamente. Antes tinha umas 200 pessoas na ilha. Hoje, duas ou três famílias (risos).".

Em um outro momento, com Rosa:

P.: Como era na Convivência?

Rosa: "Tinha festa, tinha circo. Era como daqui até a Caixa d'água. Era grandão, muito grande demais. Aí o mar foi invadindo."

A descrição dos equipamentos públicos, das antigas dimensões da ilha bem como do seu número estimado de habitantes era usada como forma de fazer com que eu entendesse a magnitude das transformações operadas pelo processo erosivo. O isolamento em função do qual as ilhas praticamente se converteram em metáfora geográfica manifestava-se somente em certos termos entre a Convivência e o Pontal. Poucos metros separava a ilha do continente, em uma travessia fácil de realizar, sobretudo no período de vazante. As relações entre os antigos ilhéus e os moradores do Pontal eram intensas, no sentido de relações entre amigos e parentes e também das relações comerciais que provinham a ilha de produtos associados ao consumo moderno.

Apesar desses fortes laços, a modernização expressa na implantação de luz elétrica e na melhoria nas vias de circulação vivenciada nas últimas décadas não atingiu a ilha da mesma forma com o Pontal. Os moradores da Convivência, a despeito disso, iniciaram a incorporação de um novo estilo de consumo. A lenta difusão dos barcos a motor, da televisão, rádio e outros produtos diversos aumentou a demanda por energia elétrica e combustível. Se os hábitos de consumo se modernizavam, o mesmo não poderia ser dito sobre alguma estrutura que lhe desse suporte. O isolamento do qual alguns antigos moradores se queixavam relacionava-se a essa participação imperfeita na modernização. Eles sabiam que a disponibilidade de serviços, produtos e de infraestrutura era maior no Pontal.

Além disso, pela forma incomum como se processou o esvaziamento demográfico da ilha, não se pode afirmar que a mudança era algo realmente desejado, apesar das vantagens que aparentemente ela poderia acarretar quanto ao acesso a bens e infraestrutura. Uma das maiores dificuldades relatadas durante as entrevistas foi o rompimento dos laços que uniam os moradores da ilha. Na ilha "todo mundo se conhecia" e, diferentemente do que ocorre na Vila Esperança, a presença de "pessoas de fora" era bastante reduzida, concentrada sobretudo nas ocasiões de festa. Como os moradores da ilha migraram aos poucos para o continente, as proximidades que marcavam suas relações sofreram corrosão na Vila. À erosão da ilha liga-se uma erosão dos laços sociais: antigos vizinhos e parentes hoje moram distantes e interagem com menor frequência.

As impressões ligadas à mudança além desse aspecto são ambíguas e giram em torno ora da valorização dos padrões de sociabilidade mantidos na ilha²⁹ora do anseio pelo acesso à

²⁹ Serafim, 67 anos, morou 53 anos na ilha. "Aqui vai acabar o sossego. Na Ilha podia dormir de porta aberta. Andava qualquer hora da noite. [...]Se pudesse taria lá. Não gosto daqui. Não acostumo não. Gosto da pesca. Pescador tem que mora perto da praia." Ou ainda quando Marinete ("Branca") falava de suas recordações da ilha e do Pontal: "Se eu parar pra pensar lembro de tudo certinho". Rosa: "eu até sonhava como era".

infraestrutura que desse suporte à modernização dos hábitos de consumo e lazer³⁰. Hoje o vínculo mais forte que parece ser mantido com a ilha, além daquele oferecido pela memória, é a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, cujo marco é uma procissão de barcos que parte do pontal e se dirige para a ilha.

5.3 Cultura Paisagística e Meio Ambiente

O fato dos grupos urbanos se envolverem com ocupações que não dependiam diretamente das condições ambientais os distanciava do tipo de temporalidade presente na pesca. Por outro lado, a importância que assumiam a movimentação de visitantes e a valorização turística ajuda a contextualizar as constantes referências a temas agregados em torno do "progresso" ou "desenvolvimento" locais.

Esses eixos discursivos parecem ser fundamentais para compreender a mediância dos grupos urbanos, que combina o caráter "tranquilo" de Atafona e a valorização do ambiente enquanto atrativo, com um forte anseio pela dinamização da economia local através da melhoria da infraestrutura e da realização de investimentos adequados para a promoção turística (como a realização de espetáculos de música e o apoio a eventos que estimulem a visitação, como no caso das festas religiosas).

Nota-se um certo grau de utilitarismo nessa visão – e frente a ele a própria paisagem se converteria em recurso econômico, porém não como um produto a ser vendido, mas sim como estratégia. Essa mobilização da paisagem como estratégia econômica remete à leitura de

é mais favorável. A vivência aqui é melhor. Muito melhor. Tem água, luz, médico, ônibus...'

³⁰ Djalma - 60 anos. Nascido na ilha, criado na Convivência saiu de lá aos 15 anos: "Na ilha não tinha serviço [trabalho]. Aqui tem mais acesso a médico, dentista, água, luz. Não senti falta não. Só vai lá a passeio." Gerson. 62 anos. Nasceu em Gargaú, morou no Pessanha, Convivência e agora em Atafona (há 35 anos). "Aqui

Donadieu, para quem a representação da paisagem pode ser *um modo de comunicação* de produtos e serviços elaborados sobre um território:

L'image de marque du paysage peut exprimer les terroirs classiques, révéler la mémoire locale et insérer, avec l'aide de l'État, dans les flux économiques (...). Les représentations créent les conditions réeles du désir et de l'appropriation symbolique. (DONADIEU, 1994, p. 77-8)

A paisagem converte-se em recurso, passível de ser utilizada como um dos elementos responsáveis para atrair visitantes. As representações provenientes dessa valorização são sempre seletivas, elas ressaltam certos aspectos e ocultam outros, reforçando tudo aquilo que possa conferir às paisagens uma vocação turística. Não se trata de criticar a parcialidade dessas leituras, mas de identificar o processo de produção de sentido que está por trás delas. É possível uma aproximação com Ricoeur, quando fala da ideologia:

Toda ideologia é simplificadora e esquemática. Ela é uma grelha, um código, para se dar uma visão de conjunto, não somente do grupo, mas da história e, em última instância, do mundo. Esse caráter 'codificado' da ideologia é inerente à sua função justificadora. Sua capacidade de transformação só é preservada com a condição de que as ideias que veicula tornem-se opiniões, de que o pensamento perca rigor para aumentar sua eficácia, como se apenas a ideologia pudesse mediatizar não somente a memória dos atos fundadores, mas os próprios sistemas de pensamento. (RICOEUR, 1990, p.71)

É no sentido exposto da ideologia, de uma representação simplificadora que perde em rigor e ganha em eficácia, que pode ser analisada a representação de paisagens e sua mobilização como estratégia para a atração de turistas. No caso de Atafona, a simplificação oculta os problemas ambientais do Rio Paraíba, que aparece como um dos "maiores deltas do Brasil" na divulgação feita pela prefeitura, mas que aparece como um "rio morto" junto aos pescadores³¹. Ao mesmo tempo, a erosão deixa de ser um símbolo da crise ambiental e passa a ter valor pelo cenário exótico que produz. No sítio eletrônico da Prefeitura de São João da

³¹ Fato ligado à diminuição da vazão do rio e da poluição química associada tanto à agricultura quanto à atividade industrial. Deve-se lembrar também que o rio Paraíba do Sul sofre com poluição dos seus afluentes, como no caso da contaminação do rio Pomba, episódio lembrado pelos pescadores ("quando desceu a água preta").

Barra as ruínas aparecem em um link sugestivamente intitulado "cartões postais" (imagem 15).

As fotografias utilizadas para divulgação acabam incitando uma determinada apreciação da paisagem, porém o faz negligenciando determinados aspectos que poderiam ser considerados desagradáveis. Elas demandam um exercício que ultrapasse aquilo que elas permitem ver e chegue àquilo que as lentes e as intenções dos fotógrafos pretendem ocultar. O desvelamento dessas intenções e a adequada contextualização das fotografias não têm como objetivo ascender às verdades plenas sobre as paisagens, como se houvesse a possibilidade de livrá-las de todos os seus comprometimentos ideológicos. Como o próprio Ricoeur afirma, a "lucidez plena é paralisante", e de nada nos serviria elaborar um discurso que desse conta da totalidade da paisagem, mesmo que isso fosse possível.



Imagem 15 - "Cartões Postais: Ruínas"

Fonte: site da Prefeitura de São da Barra. Acessado em 2010

A questão aqui é de entender por quais vias se organizam as diferentes interpretações sobre as paisagens, pois elas influenciam a organização das práticas sociais que nelas se dão. As ruínas figuram entre os cartões-postais, e os turistas parecem compartilhar dessa estetização de sua visão sobre o avanço do mar. Sobretudo nos finais de semana, um ônibus

parte do SESC- MG, de Grussaí, e conduzia os turistas a uma visita à praia de Atafona. Inúmeras vezes os vi descerem do ônibus, completamente vestidos ao invés de estarem em trajes de banho e portando máquinas fotográficas: a atração ali não era a praia, mas sim as ruínas, cujas imagens já eram em muitos casos conhecidas, mas que cabia mesmo assim fotografar.

Além das fotografias que em algum sentido "antecipavam" a experiência da paisagem, ajudando a prefigurá-la, notava-se um investimento sistemático na produção de panoramas, de pontos de observação, tanto pelo poder público como pela criação desse tipo de estrutura em estabelecimentos privados (imagem 16). Aqui se tem um ponto crítico da reflexão sobre as noções nas quais se baseia a investigação.

Se em alguns casos a mediância é marcada por uma forte consciência paisagística, cabe, durante as pesquisas, não somente identifica-la, mas encontrar os meios através dos quais essa consciência é tornada viva através das práticas socioespaciais. É nesse sentido que chama a atenção o papel do arranjo e ordenamento espacial, sobretudo das áreas mais ligadas ao turismo.

Esses locais criam a possibilidade de uma observação privilegiada, pois descortinam os cenários para os olhos e para a sensibilidade, livram os olhos das barreiras que poderiam impedir a produção de um panorama. As belezas naturais, o clima agradável, o "segundo maior delta do Brasil" existem de fato, estão lá, mas são essas estruturas que os destacam, que criam as condições ideais para sua apreciação. Se a paisagem deve sua origem à pintura não é forçoso recorrer à metáfora: a pintura requer uma moldura, e é isso que representa esse modo de ordenar o espaço.

Em suma, ao encarar a paisagem como uma "construção mental" (SCHAMA, 1996) ou a visão em perspectiva, que lhe é inerente, como "forma simbólica" (BESSE, 1992),

assumimos a manifestação de um código cultural que tome a paisagem como um modo específico de experienciar o espaço. No entanto, umas das formas para que essa vívida consciência de paisagem se torne presente é justamente a implantação de determinados arranjos espaciais, que reforcem esse tipo de sensibilidade ao ambiente.

Em Atafona, assim como em tantas outras áreas turísticas que se espalham pelo mundo, não basta possuir o que mostrar, apresentar atrativos, mas deve-se proceder a um ordenamento tal que seja capaz de lhe sublinhar essas qualidades. Os píeres, as praças, as grandes avenidas que correm em direção ou são paralelas ao mar, todos não deixam de ser a concretização de um desejo de explorar as qualidades cênicas de Atafona, ao criarem as condições ideais de sua observação e apreciação.



Imagem 16 – Parte posterior de um restaurante do Pontal

Nela os clientes podem fazer as refeições em um ponto privilegiado de observação da paisagem: note o rio Paraíba ao fundo e uma das ilhas com manguezal.

Se uma "vívida consciência de paisagem" não é uma mediância universal e se o olhar ajuda a constituí-la, pode-se questionar se ela não requer também um ordenamento do espaço que dê suporte para essas intenções. Diante dos pontos privilegiados de observação, os cenários fazem pulsar aquilo que, em nós, pode se encontrar em estado de latência. À medida

que se sucediam os almoços no restaurante à beira-rio, percebia que mesmos os clientes mais entretidos com suas refeições lançavam olhares através das janelas, fotografavam o que viam e visitavam o píer antes de partir. Trata-se de um ordenamento que ajuda a conduzir a sensibilidade para uma determinada direção, que ressalta as qualidades cênicas, que finalmente (recorrendo ao recurso do neologismo) "paisagealiza" o espaço, emoldurando-o. Em uma linha semelhante, Aubry afirma que as paisagens são inventadas:

Invention des paysages - l'espace concret préexistant peut être enventé en tant que paysage. (...) Comme toute perception, les paysages sont des projections. À partir de l'espace concret, d'une portion de pays, les paysages n'existent pas sans notre regard, ils dépendent de notre sensibilité et de notre culture. (...) Pour entrer dans la catégorie 'paysage', une de nos relations ou médiances à l'environnement doit répondre à certains critères : (...) être guidée par une organisation de l'espace que puisse être qualifiée et évaluée sur le plan esthétique. Pour 'faire paysage', un pays doit être 'harmonieux', montrer une certaine cohérence dans son organisation, voire une composition. (AUBY, 2006, p.56-7)

Levanta-se aqui a possibilidade de certos arranjos geográficos específicos serem pensados justo como forma de estimular essa invenção paisagística. Não existe aqui nenhuma relação linear. Não sugiro que qualquer arranjo espacial específico seja capaz de por si só gerar um modo de sensibilidade ao ambiente. Os pontos privilegiados de observação e apreciação da paisagem criados em áreas turísticas nada mais são do que uma concretização de um modo específico de relação com o ambiente.

Na maneira como eles se constituem, no entanto, eles se convertem em portadores dos traços dessa cultura paisagística: são um convite ao olhar. Eles sugerem práticas que acabam por atualizar e conferir concretude à cultura paisagística: o uso do píer para tirar fotos tendo a paisagem ao fundo, os passeios de barcos que circulam pelas ilhas fluviais, os motivos paisagísticos que inspiram representações pictóricas nos estabelecimentos comerciais.

Fala-se aqui de um processo diferente daquele indicado por Berlan-Darqué e Kalaora, que, ao retomarem as contribuições de Alain Roger, falam na "artialização da paisagem".

Nela, a experiência da paisagem in situ é mediatizada e precedida por um conjunto de pinturas e relatos literários consagrados, o que remete à "transformação do espaço natural que de território ordinário torna-se paisagem" (BERLAN-DARQUÉ e KALAORA, 1991). Apesar de podermos afirmar que essa "artialização" da paisagem também esteja presente em Atafona, dado os relatos literários e jornalísticos disponíveis (e que antecipam a experiência direta, ajudando a moldá-la), o que se defende aqui é a possibilidade do próprio arranjo espacial cumprir um papel importante na manifestação e reprodução de uma consciência paisagística. No caso se Atafona, sem dúvida tal arranjo merecia ser incluso como um complemento à lista de critérios empíricos para a identificação de uma cultura paisagística indicada por Berque.

Percorrendo uma das principais avenidas do centro de Atafona, após um curto trecho de restaurantes e bares, a rua termina abruptamente em um pequeno píer, voltado para o Rio Paraíba do Sul. A avenida desemboca no rio, e postando-se no píer é possível ver as ilhas, o fluxo d'água e os meandros que conduzem ao mar. Tal como nas fotografias de paisagem, temos ali um primeiro plano (o píer) e uma linha de horizonte (formado pela barreira de ilhas e pela sinuosidade do rio). Um marca o ponto de partida, o outro o limite de um campo de visão: é o arranjo espacial que imita a tradição iconográfica à qual a paisagem se vincula, e ao fazê-lo, reforça e atualiza a cultura paisagística e os modos de percepção a ela associados.

Não seria fortuito pensar também na construção da Avenida Atlântica, que obviamente servindo para fins de circulação viária, servia também como ponto de observação da costa, já que ela corre paralela às praias. Ao se aproximar do pontal, a avenida teve um trecho significativo destruído pela ação das ondas e diante desse quadro ela é convocada a assumir um papel imprevisto. Por um capricho da natureza o cenário que tanto se procurou destacar e valorizar entrou em ruínas, o que não pôs fim às intenções de estímulo ao turismo. Muito pelo contrário, a bela avenida que conduzia Grussaí até o pontal, com suas dunas arborizadas com

casuarinas, guarda, como que movida por uma pulsão paisagística, como atrações as próprias ruínas decorrentes do avanço do mar.

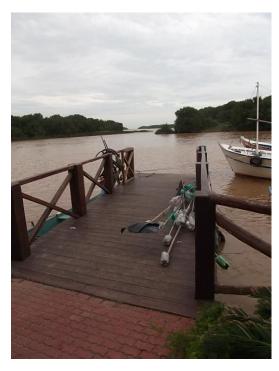


Imagem 17 – fotografia do "pier do pescador"

A fotografia retrata um dos locais que, além de servirem para funções de cunho mais prático, são também pontos privilegiados de observação da paisagem. À esquerda do píer tem-se uma placa com a seguinte inscrição: "Nesta imediação, alguns pescadores vindos de Cabo Frio, tendo à frente o Sr. LOURENÇO DO ESPÍRITO SANTO, construíram um pequeno povoamento no ano de 1622, estabelecendo o 1º NÚCLEO DE COLONIZAÇÃO EFETIVA DA PLANÍCIE DO NORTE FLUMINENSE. Inaugurada em abril de 2007". Há uma evocação da história no intuito de ressaltar a importância de toda a região.



Imagem 18 – Rio Paraíba do Sul.

Fotografia tirada a partir do "Píer do Pescador". Exemplo de vista obtida a partir do píer.

5.4 O Porto e o Mar sem Pescadores

Na época do início das minhas atividades em Atafona, em 2006, já havia indicações de que o município de São João da Barra seria alvo de pesados investimentos relacionados à construção de um porto e do mineroduto que o ligaria ao quadrilátero ferrífero em Minas Gerais. À medida que as obras foram iniciadas e seus efeitos passaram a ser sentidos, as menções se multiplicaram tanto no discurso dos pescadores quanto daqueles ligados ao setor urbano de Atafona.

As reações observadas quanto às prováveis e drásticas mudanças no município, por estarem presentes em todos os grupos entrevistados, acabaram sendo um meio através do qual certas diferenças nas respectivas visões de mundo puderam se manifestar. Segundo o Relatório dos Impactos Socioambientais do Complexo Industrial-Portuário do Açu, elaborado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros,

O Completo Industrial Portuário do Açu, projeto do Grupo EBX, é a maior obra industrial portuária das Américas. Prevê a construção de um terminal portuário privativo de uso misto com capacidade para receber navios de grande porte (220 mil toneladas) e estrutura *offshore* para atracação de produtos como minério de ferro, granéis sólidos e líquidos, cargas em geral e produtos siderúrgicos. Contará com um condomínio industrial com plantas de pelotização, indústrias cimenteiras, um polo metal-mecânico, unidades petroquímicas, siderúrgicas, montadora de automóveis, pátios de armazenagem inclusive para gás natural, *cluster* para processamento de rochas ornamentais e usinas termoelétricas. Inclui também a construção de um mineroduto de mais de 500 km de extensão que levará o minério de ferro produzido pela MMX/Anglo Ferrous Mineração em Conceição de Mato Dentro/MG ao porto, permitindo seu processamento e exportação.(AGB, 2011, p.04)

O licenciamento dos diferentes empreendimentos ligados ao projeto, a maneira como ocorrem as desapropriações e os impactos socioambientais gerados pelas obras e previstos para o início das atividades do porto têm sido evocados para questionar a realização do empreendimento. Alvo de investigações no Ministério Público e da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, organizações sociais, universidades e associações de moradores e profissionais têm oferecido resistência às ações do grupo EBX em

São João da Barra, assim como criticam a atuação de órgãos públicos ligados ao meio ambiente, da prefeitura e do governo do Estado, bastante comprometidos com a implementação do porto e dos investimentos associados³².

O potencial dos empreendimentos em modificar significativamente a configuração econômica e ambiental do município ajuda a entender sua recorrência na fala dos entrevistados. Apesar dos investimentos previstos não se realizarem diretamente na área abrangida pela pesquisa³³, os efeitos começam a serem sentidos.

Há um temor quanto à dimensão do complexo industrial e portuário. Esse temor esteve presente em ambos os grupos, e foi relacionado ao aumento da violência, tido como uma consequência inescapável do "progresso". As semelhanças, no entanto, param por aí. Para os indivíduos ligados aos setores urbanos de Atafona, o porto é associado a uma lógica de "modernização" ou de "desenvolvimento". Esses dois termos eram usados como uma justificativa para que se devesse de fato levar adiante os investimentos, que trariam benefícios para a população.

Esse discurso era permeado pelos próprios interesses dos entrevistados. Ao conversar com o administrador de uma das pousadas de Atafona, por exemplo, foi estabelecida uma relação entre o porto e o aumento no número de quartos alugados nos finais de semana. Ao mesmo tempo, a pousada presta um serviço de *buffet* em eventos ligados às empresas, o que

[&]quot;Em junho de 2008, o Governo do Estado do Rio de Janeiro publicou um decreto no qual declarava uma área de 7.200 hectares de interesse público, a qual deveria ser desapropriada, através da Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro (Codin). Essa área está localizada no 5º distrito de São João da Barra e é basicamente ocupada por pequenos agricultores, que deverão dar lugar ao condomínio industrial previsto no projeto." (AGB, 2011, p.44). Ao mesmo tempo, quando entrevistados sobre a realização da audiência pública ligada ao licenciamento das obras de construção de uma linha de transmissão de energia, os moradores de São João da Barra revelaram-se descrentes sobre esse tipo de mecanismo. Segundo eles, tudo "já chegava pronto", "tudo já estava decidido" quando a audiência era realizada, limitando-se o seu papel não à consulta da população, mas sim ao comunicado do que iria acontecer, a despeito de qualquer oposição que pudessem apresentar.

³³ Barra do Açu, onde se dá a construção do porto e do complexo industrial, fica a aproximadamente 35 quilômetros aos sul de Atafona.

tem representado uma diversificação de suas atividades e aumento dos lucros. Se Atafona foi algumas vezes representada de maneira saudosista como um balneário da "sociedade", a queda do movimento e, segundo alguns informantes, a queda também do "nível" social de seus frequentadores agora começaria a ser revertida pelo efeito dinamizador do complexo portuário. Isso também seria comprovado pela elevação no preço dos imóveis e dos terrenos observados nos últimos anos³⁴.

Para os pescadores o porto penetra em suas preocupações e em seu imaginário por uma via bastante prática: os danos que ele pode causar ou já vem causando à atividade pesqueira. Em que pesem as divergências sobre a diminuição ou não do pescado nos últimos anos, os pescadores são bastante plausíveis em detalhar seu descontentamento frente aos recentes acontecimentos no distrito vizinho. Eles não se contentavam em apresentar os problemas, mas procuravam indicar suas ligações com as atividades relacionadas ao porto.

A pesca do camarão, por exemplo, se dá próxima à costa, local onde se acumularia o alimento do crustáceo. Com a movimentação do leito oceânico operada no Açu e com o aumento da turbidez da água que isso acarreta, há o temor de que esse tipo de pescado declina. Os navios de grande porte trariam prejuízos à pesca de várias outras formas. Pelo ruído que provocam, acabam afastando os cardumes, suas trajetórias atravessam territórios de pesca definidos pela comunidade. Em algumas modalidades de pesca, as redes permanecem ancoradas e atadas a pequenas "bandeiras" - pedaços de materiais flutuantes que indicam suas

Em Vila Esperança também ouvi relatos sobre o aumento da especulação imobiliária. Ao lado da vila, uma área significativa foi loteada para a construção de residências voltadas para a classe média. Aquilo que pelos proprietários de estabelecimentos comerciais era um sinal de progresso, era visto com temor pelos moradores de Vila Esperança. Alguns ainda moravam de aluguel e poderiam ser afetados pela elevação dos preços e além disso, o fato dos terrenos se valorizarem tornaria ainda mais difícil a ampliação de suas propriedades: a posse de um quintal ou de uma pequena área para horta era um sonho para muitos - um resquício das antigas formas de moradia na Baixada e na Ilha da Convivência.

posições. É possível que as embarcações maiores arrastem essas redes ou as arrebentem, causando grande prejuízo aos pescadores.

O efeito mais nocivo, no entanto, que tem se manifestado diz respeito à provável limitação da circulação das embarcações menores na ocasião do início das atividades do porto. Hoje os pescadores navegam com liberdade, tanto ao longo da costa (estendendo suas atividades da região dos lagos até o litoral capixaba) quanto em direção ao alto-mar. Com o tráfego de embarcações de grande porte, não será mais possível que os barcos de pesca se aproximem de certas áreas do litoral. Alguns pescadores relataram já terem sido ameaçados em alto-mar, inclusive com armas de fogo, ao se recusarem a ser afastar de embarcações ligadas à implantação do porto.

Se os pescadores realmente possuem essa ligação tão intensa com a atividade que realizam, os danos à pesca assumem o efeito de uma perda de si próprios. A pesca não seria é "emprego": ela é um modo de vida, e como tal depende das práticas cotidianas de cada indivíduo, mas ao mesmo tempo ajuda a moldá-los.

Nesse sentido, mesmo que alguns filhos de pescadores trabalhem nas obras do porto, há uma recusa forte por parte de muitos em realizar sua inserção em alguma atividade de trabalho ligada ao porto, não só pelas condições de trabalho e remuneração oferecida, porém principalmente pelo afastamento em relação a esse modo de vida singular. A pesca é apresentada como uma atividade que lhes dá o sustento e ao mesmo tempo como uma atividade que os torna o que são; uma atividade à qual aprenderam a se adaptar, que faz com que suas trajetórias pessoais se confundam com ela.

Deixar a pesca por um "emprego" no porto não se relaciona somente a uma questão financeira, mas também a abrir mão de uma série de condições de trabalho muito prezadas, como a autonomia, a aprazibilidade do ambiente e uma relação mais clara entre o trabalho e o

rendimento. Cabe ressaltar: na pesca o rendimento era dividido entre os "camaradas", no porto trabalhava-se para "gente de fora".

O relato de Branca vai bem nesse sentido, e parece sintetizar a opinião do grupo:

Branca: "A pesca aqui dá dinheiro. É instável, mas dá dinheiro. Pescador daqui não quer empreguinho de quinhentos, seiscentos reais não. Essa empresa tira o coro mesmo. Põe o pessoal pra trabalhar o dia todo debaixo de sol quente e ainda paga pouco. Pescador tem uma cultura totalmente diferente. É livre, solto, corre atrás do próprio sustento."

Foram os acontecimentos ligados ao porto os responsáveis por introduzir alguma tensão durante minha estadia no campo. Enquanto conversava com Antônio, um pescador aposentado morador da "Baixada", uma de suas vizinhas passou por nós algumas vezes e percebia que ela nos observava. Como tomava notas daquilo que Antônio dizia, ela me interpelou para saber se realizava pesquisas para o consórcio das empresas do porto. Mesmo negando o fato, ela começou a manifestar sua oposição à atuação dessas empresas, inclusive com agressividade. Ela demonstrou bastante temor em relação aos efeitos que seriam produzidos na pesca e lamentou a falta de engajamento dos pescadores no enfrentamento dessa situação.

No sentido de que representa um forte impulso modernizante na economia local, a construção do porto apresenta o risco de ruptura com antigos laços tradicionais, que abrangem as relações de trabalho estabelecidas entre os pescadores bem como seus vínculos com o ambiente. As críticas mais enfáticas foram proferidas na ocasião da minha visita à sede da colônia de pescadores, pelo seu presidente.

Pescador desde a infância, William, de 52 anos, reforça o temor sobre os recentes empreendimentos que ocorrem no Açu, e cujos efeitos reverberam em Atafona. Segundo ele, "A gente não quer que o progresso não chegue, mas a gente quer ser levado em conta.". Para ele, São João da Barra pode se tornar uma nova Macaé, cujo crescimento nos últimos anos resultou no aumento da violência, do consumo de drogas e da favelização. A política

ambiental é criticada a todo instante, pois "Não tem lei pra Eike Batista. O Ibama não permite construir cais pro pescador. Como Eike consegue [licença ambiental]?"³⁵.

E, igualmente, em uma linha que vai além dos danos práticos, os prejuízos à pesca assumem também um efeito de desenraizamento quanto à relação da população local com o seu ambiente. Se a pesca é o elemento central da mediância dos pescadores, seu declínio não se fará sem uma reorganização de suas relações com o ambiente. Essa ruptura encontra paralelo estreito com o passado de Atafona.

Tal como ocorreu antes com o avanço do mar, os pescadores se veem diante de um momento no qual seus vínculos com o rio e com o mar estão ameaçados. A familiaridade com o ritmo do processo erosivo e sobretudo a mobilização de recursos do estado para atenuar o impacto da perda das casas através da política habitacional provocou, quanto a esse processo, um arrefecimento das tensões. Nenhuma alternativa surgiu até agora para que ocorresse o mesmo quanto às tensões referentes à construção do porto.

A oposição entre os impactos produzidos no passado pela erosão e agora pelo complexo portuário é acentuada por uma significativa diferença na interpretação sobre os fenômenos. Ao entrevistar alguns pescadores em um bar localizado próximo às ruínas, foi descrita uma situação que atestaria a vinculação do processo erosivo com uma esfera transcendental. Um morador da orla teria realizado diversas intervenções em seu imóvel de modo a suportar melhor um possível avanço do mar. Um dia, ele teria afirmado para seus amigos: "Nem Deus me tira daqui agora". Quando sua casa finalmente ruiu, a despeito de suas obras, os pescadores se apropriaram da história como forma de demonstrar o respeito por Deus e a superioridade de seus desígnios sobre os dos homens.

³⁵ Refere-se à dificuldade na obtenção de licença para a construção de um cais à beira do Rio Paraíba para facilitar a realização de reparos nos barcos.

Essa leitura dos fatos pelo viés religioso voltou à tona naquela situação tensa, que relatei acima. A senhora que interrompeu minha conversa com Antônio fez confluir a erosão e o porto para um mesmo eixo, marcado pelas provações que ambos teriam imposto aos pescadores. Ela, no entanto, o fez marcando uma diferença cosmológica fundamental:

"Porque Deus já tirou muita coisa da gente aqui. Mas vir um homem de fora pra prejudicar nós... O avanço do mar prejudica, mas é coisa de Deus. É o mal dos homens que eu não aguento."

Essa fala sintetiza um aspecto da postura frente a erosão e à construção do porto. As diferenças não devem ser buscadas somente na natureza dos fenômenos observados (seus ritmos e características intrínsecas) mas também na "ordem" à qual se vinculam. Se a erosão era "coisa de Deus" ou mesmo manifestação de uma natureza personificada na força do mar ("O mar dá, mas o mar tira"), o porto era "coisa dos homens" e pior, coisa de "gente de fora", o que reforçava a recusa em tolerar as intervenções promovidas a partir de suas ações.

A esse caudal de posturas, sentimentos e representações sobre o porto, soma-se o deslocamento semântico que sugere as menções da mídia ao município de São João da Barra: se antes o cenário exótico das ruínas eram o símbolo de uma crise ambiental planetária (devido à sua suposta e não totalmente verdadeira associação com o aquecimento global), nos últimos anos o município entra nas páginas dos jornais como uma das grandes promessas de desenvolvimento do interior do estado. A própria prefeitura contribui para difundir uma imagem de apoio ao "progresso" que o porto representa. Nos painéis que divulgam os pontos turísticos da cidade figura a construção do porto, confirmando seu status de atração turística.

A diversidade dos discursos acerca do porto e os diferentes meios através dos quais eles se afirmam lembra a afirmação de James Clifford (1991), segundo quem a abordagem etnográfica se encontraria "no olho do furação dos sistemas de poder que definem o significado" (CLIFFORD, 1991, p.27). Sobre o porto, mais do que em relação a qualquer

outro tema paisagístico presente nas mediâncias locais, vale lembrar que trabalhar com a dimensão do significado pressupõe sua inserção em sistemas de poder. Se a cultura (e por extensão as representações sobre o ambiente de cada sociedade, sua mediância) pode ser vista como um texto que permite múltiplas leituras deve-se admitir, conforme alerta Duncan (2004), "que certas leituras são mais hegemônicas do que outras, e que sempre haverá uma política de interpretação.". Assim o mesmo porto temido pelos pescadores, elemento exógeno que pode gerar uma ruptura tão radical com a pesca, é estampado em painéis (imagem 17), que portam um elogio nada implícito à sua construção e ao mesmo tempo, passa a entrar no imaginário local, originando novas práticas.

No "Guia Turístico 2010 - São João da Barra", com tiragem de 17 mil unidades e distribuído gratuitamente pela prefeitura, lê-se o seguinte comentário sobre as Praias do Veiga e do Rancho:

Localizadas em uma região boa para pesca de linha, rally e acampamentos, as praias foram as escolhidas para sediar o Porto Off-shore, a dois quilômetros da costa. Projetado no conceito porto-indústria, o Superporto do Açu, um investimento de US\$ 1,6 bilhão, está em construção desde 2007. A previsão, segundo a empresa LLX, é que sejam movimentadas 63,3 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. Também, serão movimentados produtos siderúrgicos, carvão, granéis sólidos e carga geral. Uma ponte com 3 km de extensão dará acesso aos píeres. 86% da ponte já estão concluídos.

Como se nota, as características das praias se tornaram secundárias em relação à grandiosidade do porto, o verdadeiro motivo paisagístico que cabe admirar. A relevância dessa multiplicidade de discursos parece poder ser bem sintetizada no "postulado da paisagem" de Berque, segundo o qual: "As sociedades ordenam seus ambientes em função da interpretação que deles elaboram, e, reciprocamente elas os interpretam em função do ordenamento que deles fazem" (BERQUE, 1995, p.15). Nesse jogo de palavras Berque

³⁶ Um jogo de palavras de tradução difícil. No original: "Les sociétés aménagent leur environnement en fonction de l'interprétation qu'elles en font, et réciproquement elles l'interprète en fonction de l'aménagement qu'elles en font."

sugere a dialética entre o ordenamento dos ambientes e dos discursos sobre os mesmos. E é dessa dialética que depende a reconfiguração contínua das impressões e atitudes da população junto aos seus ambientes, sejam os seus resultados considerados justos ou não.



Nos painéis da Prefeitura, onde são apresentados os pontos turísticos do município, o porto também passou a figurar.



Imagem 20 - Porto do Açu em construção

A área de construção do porto parece se converter em local de visitação, passando a penetrar no imaginário social. O trecho fotografado acima se converteu em uma espécie de mirante.

6 Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi pensar a paisagem no contexto da constituição de sentidos sobre a natureza e o ambiente. Enquanto ferramenta de pesquisa, nas diferentes acepções e nas mudanças recentes no conceito, a paisagem deve ser pensada nos termos das implicações que ela produz nos modos de sensibilidade e de experiência, representando uma mudança conceitual que reverbera nas práticas de pesquisa e no modo de fazer geográfico.

Assim, nossas concepções de paisagem não só afetam o ordenamento que fazemos delas, mas o próprio modo como imaginamos, interagimos, experienciamos e representamos nossos objetos em nossas pesquisas.

Resgatar os diferentes sentidos que se atribui ao ambiente, quer pela noção de paisagem ou não, pode trazer um grande ganho na direção de se adquirir maior consciência dos valores que guiam a apreensão daquilo que está à nossa volta. E, como procurei defender ao longo do texto, compreender os espaços onde recai a atenção do geógrafo por meio dessa postura, sensível às diferentes formas de olhar, multiplica e enriquece as formas como o pesquisador experiencia e interpreta seu objeto de estudo.

Visava propor algumas linhas de interpretação no sentido de ressaltar as diferenças no modo como as mudanças ambientais pudessem ser percebidas, o que fala no próprio modo como a mediância se estrutura em cada caso e como essas experiências são ordenadas e ganham sentido. Para além do ganho para a pesquisa na geografia que esperamos que tal discussão traga, há uma possibilidade de reflexão de cunho político.

Falar sobre Atafona a partir das mediâncias dos pescadores e das populações urbanas constitui mais uma contraposição do que uma oposição radical em termos práticos. Não há uma postura hostil dos pescadores frente aos turistas (o local já é um balneário há várias décadas, os pescadores gostam da movimentação, os turistas dinamizam o comércio local).

Apesar da ambiguidade com que se apresentam as relações entre os mundos da pesca e do cenário urbano de Atafona que ora se misturam, confundem, convivem e ora se distanciam e lançam-se críticas mútuas, o verdadeiro conflito se organiza em torno de outro evento, que tem marcado o cotidiano de Atafona e do município de São João da Barra com um todo. Falar sobre a construção do porto do Açu dá origem a discursos muito diferenciados entre si, um reflexo da própria diversidade na composição social local. Em um grau maior do que se observou quanto a qualquer outro aspecto, as consequências da construção do porto e seus efeitos na vida econômica e no meio ambiente são imbuídas de tensão.

As diferentes visões sobre as transformações observadas não são neutras e devem ser referenciados na posição ocupada por determinados grupos e nas relações de poder entre eles. Enumerar e tentar caracterizar as mediâncias que marcam a experiência dos atores sociais em Atafona pode oferecer ganhos em si, mas deve-se lembrar que muitas vezes esses atores e seus modos de conferir sentido às suas experiências de espaço nem sempre convivem bem, podendo se opor de forma pungente, como demonstra os aspectos relacionados à construção do porto. Por ironia, é uma ilha de nome Convivência que tem desaparecido.

7 Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS. Relatório dos Impactos Socioambientais do Complexo Industrial-Portuário do Açu. Rio de Janeiro, 2011.

AUBRY, Pascal. Invention des Paysages. In: BERQUE, A. (dir.) Mouance II. Soixante-dix mots pour le paysage. Paris: Éditions de la Villette, 2006

BBC Brasil. Vilarejo de Atafona está sendo invadido pelo mar. Disponível em http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/11/27/327335727.asp

BERLAN-DARQUÉ, Martine e KALAORA, Bernard. Du Pittoresque au "Tout-Paysage". In: Études Rurales, n°121-4, 1991.

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia do Himalaia. In: Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1975(1962)

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

	. Écoumé	ene. Introdu	ction à l'É	tude d	les Milieux	Humains.	Paris:	Belin,
2000.								
	Les raiso	ons du Pay	sage. De 1	a Chir	ne Antique	aux Envir	onneme	ent de
Synthèse. Paris	s; Éditions Haza	-			-			
	Paysage	e, Milieu,	Histoire.	In:	BERQUE,	Augustir	n(dir.).	Cinq
Proposition po	ur une Théorie	du Paysage.	Seyssel: E	ditions	s Champ Va	llon, 1994		

BESSE, Jean-Marc. Entre Modernité et postmodernisme: la représentation paysagère de la nature. In: ROBIC, Marie-Claire (dir.) Du Milieu à l'Environnement. Pratiques et représentation Du rapport homme/nature depuis la Renaissance. Paris: Economica, 1992.

BUSS, Maria Dolores e CABRAL, Luiz Otávio. A Paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso. In: Revista Espaço e Cultura. nº13. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2006

CATÃO, Helena e PRADO, Rosane. Fronteiras do Manejo: Embates entre Concepções num Universo de Unidades de Conservação. In: Ambiente e Sociedade, Campinas, jan.-jun. 2010

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Manifestações da Cultura do Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Manifestações da Cultura do Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CLAVAL, Paul. Campo e Perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CLIFFORD, James. Introducción: Verdades Parciales. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George (eds.) Retoricas de la Antropologia. Madrid: Ediciones Júcar, 1991.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. O Aventureiro, Ilha Grande -RJ: Uma Análise de Mudança Social. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2008

Departamento de Recursos Minerais do Rio de Janeiro. - DRM - RJ http://www.drm.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=99:pedagogicore curso&catid=44:pedagogico&Itemid=91. Acessado em janeiro de 2011.

DESCOLA, Phillippe. Débat. In: Études Rurales, nº 121-124. Jan-dez, 1991.

_____. Constructing Natures. Symbolic Ecology and Social Practice. In: DESCOLA, Philippe e PÁLSSON, Gísli. Nature and Society. Anthropological Perspectives. Londres: Routledge, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant"Ana. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: Hucitec, 2004.

DONADIEU. Pierre. Pour une Conservation Inventive des Paysages. In: BERQUE, Augustin(dir.). Cinq Proposition pour une Théorie du Paysage. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1994.

DUBOST, Françoise. La Problématique du Paysage. État des Lieux. In: Études Rurales, 1991

DUNCAN, James. A Paisagem como Sistema de Criação de Signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

EDWARDS, Elizabeth. Antropologia e Fotografia. In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Nº 02. Rio de Janeiro: UERJ,1996.

FELIPE, Renan da Silva Gomes. Meio ambiente e fotografia: as mudanças na paisagem em Atafona (RJ) e sua contraposição com as propostas do observatório fotográfico da paisagem. In: Anais do II Encontro do Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura – Lecgeo/UFPE.

GOMES, Paulo César da Costa. Um Lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrináro. In: MENDONÇA, Francisco, LOWEN-SAHR, Cicilian Luiza e SILVA, Márcia (orgs.). Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente de Antonina (ADEMADAN), 2009.

GURAN, Milton. Fotografar para Descobrir, Fotografar para Contar. In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Nº 10. Rio de Janeiro,2000.

MANN, Thomas. O Escrito e sua Missão. Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MEINIG. Donald. O Olho que Observa: Dez Versões da Mesma Cena. IN: Revista Espaço e Cultura, nº13. Rio de Janeiro: EdUERJ, Nepec, dez.1996.

NORONHA, João. Atafona. Sua História, Sua Gente. Campos, Academia Campista de Letras. Sem data.

PRADO, Rosane. Manhães. Depois que entrou o Imbamba: percepção de questões ambientais na Ilha Grande. In: PRADO, R. M. (Org). Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. Rio de Janeiro: EdUERJ; Garamond, 2006. p. 253-283.

______. As Espécies Exóticas Somos Nós. Reflexão a propósito do Ecoturismo na Ilha Grande. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 205-224, outubro de 2003.

_____. Cidade Pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. In: Cadernos de Antropologia e Imagem, n°04. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1997.

PREFEITURA DE SÃO JOÃO DA BARRA. Guia Turístico – São João da Barra. 2011.

PREFEITURA DE SÃO JOÃO DA BARRA. cartões postais http://www.sjb.rj.gov.br/Cartoes2/Index.asp

RIBEIRO, Gilberto Pessanha et al. Cadastro de possíveis novas perdas imobiliárias na frente erosiva ativa costeira em Atafona, São João da Barra (RJ), através de medições da posição espacial das construções e do seu registro fotográfico. Disponível em: http://www.uff.br/atafona/. Acessado em setembro de 2009.

RIBEIRO, Gilberto Pessanha et al. Análise Espaço- temporal no Suporte à Avaliação do Processo de Erosão Costeira em Atafona, São João da Barra (RJ). Disponível em: http://www.uff.br/atafona/. Acessado em setembro de 2009.

RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1990.

ROGER, 2006. Génie du Lieu. In: : BERQUE, A. (dir.) Mouance II. Soixante-dix mots pour le paysage. Paris: Éditions de la Villette, 2006

SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUDIÈRE, Martin de la Paysage et Alterité. En Quête de « Cultures Paysagères » : Réflexion Méthodologique. In : Études Rurales, 1991

SOUZA, Reginaldo José de. Entre Subjetividade e Meio Ambiente no Município de Mirante do Paranapanema – SP: Os Moradores da Bacia do Ribeirão Santo Antônio e suas Paisagens. In: Revista Geografia em Questão. Paraná: Unioeste. Vol.. 03, 2010.